

CORPO TERRITÓRIO LUGAR ACONCHEGO
PEDESTRE PENSAMENTO ENCONTRO SÍMBOLOS
INTERIOR MEDO FAMILIARIDADE SOLIDÃO IDENTIDADE TRAJETÓRIA
FRAGMENTO ARQUITETURA INTERVENÇÃO INTERAÇÃO MULTIDÃO
IMERSÃO HOMEM COLETIVO FLUXO NARCISISMO ARTE TROCAS
CIDADÃO SOCIEDADE RUA PERCURSO MOTORISTA
CULTURA MOBILIDADE CONSUMA A CIDADE IMAGEM POLÍTICA
VIVÊNCIA INDIVÍDUO COMPORTAMENTO DEMOCRÁTICO
PRIVADO INDIVIDUALISMO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO PROCESSO
METRÓPOLE PÚBLICO PARQUE CAOS
TRANFORMAÇÃO EXPERIÊNCIA INTERFERÊNCIA INSTALAÇÃO
TEMPO REFERÊNCIA EU SOCIABILIDADE COSMOPOLITA
PASSANTE ABSTRAÇÃO BAURU EVENTO
AÇÃO PRAÇA CIDADINO MAPA CALÇADA IDEIAS

CONSUMA A CIDADE

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo

Título: *CONSUMA A CIDADE*

Orientanda: Mariene Benutti Giunta

Orientadora: Kelly Cristina Magalhães

Trabalho Final de Graduação, do curso de
Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

BAURU, 2009

SUMÁRIO

<i>AGRADECIMENTOS. OBRIGADA. VALEU. CONSIDERAÇÕES. GRATIDÕES. ESTIMA.....</i>	<i>05</i>
<i>APRESENTAÇÃO. O PORQUE. INTRODUÇÃO. O QUE. COMEÇO. INÍCIO. ORIGEM. PRINCÍPIO.....</i>	<i>07</i>
<i>CIDADE. TEMPO. ESPAÇO. COMPORTAMENTO. TRANSFORMAÇÃO. SOCIEDADE</i>	<i>09</i>
<i>ESPAÇO. PÚBLICO. ENCONTRO. SOCIABILIDADE. TROCAS. VIVÊNCIAS. EXPERIÊNCIA</i>	<i>14</i>
<i>ARTE. PÚBLICA. URBANA. SOCIEDADE. INDIVÍDUO. DEMOCRÁTICO. CONTEMPORÂNEO</i>	<i>19</i>
<i>ARTE. PÚBLICA. BAURU. SIMBOLOS. FAMILIARIDADE. REFERÊNCIAS. IDENTIDADE</i>	<i>28</i>
<i>CORPO. PEDESTRE. MOTORISTA. CIDADÃO. CIDADINO. PASSANTE. INDIVÍDUO</i>	<i>30</i>
<i>EVENTOS. ARTE. CULTURA. VIVÊNCIAS. EXPERIÊNCIAS. COMPORTAMENTO</i>	<i>39</i>
<i>EU. METRÓPOLE. CAOS. MEDO. COSMÓPOLIS. MULTIDÃO. SOLIDÃO. EXPERIÊNCIA. CINZA</i>	<i>47</i>
<i>BAURU. INTERIOR. TERRITÓRIO. FAMILIARIDADE. ACONCHEGO. EXPERIÊNCIA. AZUL.....</i>	<i>53</i>
<i>MAPAS. FAMILIARIDADE. PERCURSO. FRAGMENTOS. ESPAÇOS. PÚBLICOS. FLUXOS.....</i>	<i>55</i>
<i>ESPAÇOS. PÚBLICOS. CIDADE. BAURU. INTERIOR. PRAÇAS. PARQUES. CALÇADÃO. LUGARES.....</i>	<i>64</i>
<i>PROJETO. INTERFERÊNCIA. INTERVENÇÃO. INSTALAÇÃO. INTERAÇÃO. IMERSÃO. AÇÃO.....</i>	<i>82</i>
<i>PROCESSOS. TRAJETÓRIA. CAMINHOS. VIAGENS. IDEIAS. PENSAMENTOS. ABSTRAÇÕES.....</i>	<i>100</i>
<i>CONSIDERAÇÕES. VIVÊNCIA. BAURU. ESPAÇOS PÚBLICOS. GOVERNO. POLÍTICA.....</i>	<i>111</i>
<i>REFERÊNCIAS.....</i>	<i>113</i>

AGRADECIMENTOS.OBRIGADA.VALEU.CONSIDERAÇÕES.GRATIDÕES.ESTIMA.

A mim
A mamãe
Ao amor
As irmãs
Aos amigos
A rep. Fumê
As orientadoras
Por me aturarem hoje e sempre.

“Um espaço contado a partir de mim como ponto ou grau zero da espacialidade. Eu não o vejo segundo o seu invólucro exterior, vivo-o por dentro, estou englobado nele. Afinal de contas, o mundo está em torno de mim, e não adiante de mim.”

Maurice Merleau-Ponty

APRESENTAÇÃO.OPORQUE.INTRODUÇÃO.OQUE.COMEÇO.INICIO.ORIGEM.PRINCIPIO.

O *punctum*¹ para esse trabalho foi a arte, mais especificamente a dança. Foi a dança que levou o meu olhar de volta para o espaço urbano, e este me levou olhar para o espaço público. Muitos grupos de dança contemporânea vêm trabalhando nesse sentido de levar a dança para as praças, ruas, galerias, escadarias, pontes e viadutos, trabalhar com o corpo-pedestre-passante, cidadão e cidadão. Com o objetivo de levar a discussão da cidade e a vivência do corpo nesses espaços urbanos, para a cidade e seus cidadãos. Essa vivência que têm se deixado ficar para trás.



Fonte: Foto retirada da internet.

¹ Aqui utilizo o termo usado por Roland Barthes, em a Câmara clara, como se ao olhar pra cidade a enxergava como imagem, via e não a percebia, sabia da problemática mais não a sentia. E dança foi pra mim esse punctum que Barthes via na fotografia.

“O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” (BARTHES, 1984 p. 46) “ O punctum é, portanto, um extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver.”(BARTHES, 1984, p. 89) “*Punctum*,é também picada, pequeno buraco,pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados.” (BARTHES, 1984 p. 46).

Com o objetivo de trazer a discussão dos espaços públicos das cidades e a relação com a vivência nesses lugares pelos cidadãos, que atualmente não usufrui destes, seja pela inversão dos espaços de lazer pelo lazer consumista levando as pessoas para shoppings, cinemas, danceterias, ou por outras razões. Surge a proposta de um projeto de intervenção na cidade de Bauru e uma ação de incentivo ao uso da cidade. Para com isso trazer de volta o uso desses espaços, e levar a discussão para a cidade de forma a instigar e questionar os seus moradores. Utilizando de instalações e interferências em todo um fragmento da cidade através dos percursos de conexões dos espaços, com um projeto de maior porte em uma das áreas públicas, gerando novas espacialidades, percepções e curiosidades naquele espaço estagnado pelo tempo e deixado pra trás pelos cidadãos da cidade.

CIDADE.TEMPO.ESPAÇO.COMPORTAMENTO.TRANSFORMAÇÃO.SOCIEDADE

Cidade: s.m concentração populacional importante, cujos moradores desenvolvem suas atividades basicamente dentro dela e não no campo; o centro da cidade; sede do município; qualquer povoação.

(HOUAISS, 2001)

A cidade muito mais que a própria definição de um dicionário é considerada “o centro de vida social e político onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (de arte e monumentos).” (LEFEBVRE, 2001: 04)

As cidades vêm passando por diversas transformações estruturais, políticas, sociais, culturais e econômicas ao longo dos séculos, com a passagem da Idade Média para a Idade Moderna nos séculos XIII e XIV, onde houve o renascimento urbano e comercial e que se sucedeu a abertura para o capitalismo e suas várias fases, através da nova classe social que surgia: a burguesia. Já no século XVIII com a Revolução Industrial modifica-se não



apenas os modos de produção, mas toda a estrutura econômica, social e cultural da sociedade, tornando-se por sua vez a sociedade baseada no consumo, que vivemos até os dias atuais.

Ainda no século XVIII, acontece um decisivo passo a frente, no controle da esfera da vida privada, com a cada vez mais clara decomposição do espaço urbano e com a separação espacial dos postos de trabalho daqueles de residências e dos lugares onde se desenvolvem as outras práticas sociais. (SECCHI, 2006:101)

Já nos séculos XIX e XX, além das estruturas econômicas, que após a industrialização passa a ser Monopolista-financeiro, temos as mudanças dos espaços da cidade, com o advento da cidade moderna e a proposta da Carta de Atenas, 1933, escrita pelo CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) que propunham que as cidades deveriam possibilitar o desenvolvimento das quatro funções humanas: habitar, trabalhar, descansar e circular. O que para Secchi, 2006, significou separar e distanciar.

O período da cidade moderna foi orientada na maioria dos campos disciplinares pela figura da continuidade, hoje, o fragmento orienta todo o pensamento contemporâneo. Ambas tiveram e têm um papel crucial e insubstituível no que se refere ao modo de observar, interpretar e construir a cidade (SECCHI, 2006:22)

A cidade moderna constitui-se da figura da continuidade com espaços de perspectiva regular e infinitamente transparente, a qual encontrou e encontra muitas resistências, como *panopticon*. Em seu interior assim como na cidade moderna, persistirão ou se formarão incessantemente, arranjos que, como fragmentos de um mundo do passado ou germes de um futuro, construindo diferenças, tenderão a disputar o espaço simbólico, físico, social e econômico da continuidade. Neste período da continuidade, dominou-se a angústia pelo medo da igualdade ilimitada e pelo abismo que ela abre na sociedade reduzida a uma massa continua e homogênea. E essa angústia e medo exprime-se através da figura da concentração, a qual se organizou com tal força o pensamento sobre a cidade e a sociedade urbana que fez a concentração parecer uma característica própria e unívoca da cidade e uma tendência inexorável previsível do futuro, escondendo com isso, por longo tempo, tendências e mudanças evidentes. Quando as percebemos, o mundo de repente pareceu um conjunto caótico de fragmentos. E essa figura do fragmento construiu a idéia de uma política processual e incremental da construção e modificações da cidade e do território, feita de intervenções fragmentárias, de subtrações e acréscimos cumulativos que, embora ajam pontual e localmente, conseguem dar um novo sentido a todo complexo urbano. (SECCHI, 2006)

Nas descrições dos urbanistas, sociólogos, antropólogos, etnólogos e economistas, foram utilizados termos geralmente dotados de grande amplitude semântica como fragmentos, heterogeneidade, descontinuidades, desordem e caos. Graças ao poder evocativo e construtivo desses termos, a cidade contemporânea parece para muitos como um confuso amálgama de fragmentos heterogêneos, no qual não é possível reconhecer nenhuma regra de ordem, nenhum princípio de racionalidade que a faça inteligível. No entanto como Henry Miller disse uma vez, confusão é uma palavra inventada para indicar uma ordem que não se compreende. (SECCHI, 2006:88)

No momento, vivemos a experiência da velocidade, a tecnologia de locomoção dos automóveis e a cidade construída com base na locomoção através de veículos, permitiu que as pessoas se deslocassem rapidamente para áreas diversas. O espaço da cidade tornou-se um lugar de passagem. E a visão – vivência – do motorista sob o volante é uma visão fechada, escravizada, basta o mínimo de reações, a cidade perde qualquer atrativo para ele que só deseja atravessá-la. Desvincula-se totalmente o corpo do espaço transitado, a cidade passa a ser fragmentos descontínuos. (SENNETT, 2006)

A cidade hoje, é planejada e desenhada sob a influência do medo do contato com os estranhos, as avenidas circundam os bairros, vias expressas, os bairros residenciais se

distinguem de bairros industriais e comerciais, separação entre centro e periferia, pobres e ricos, condomínios fechados isolados (que nos faz lembrar a volta da Idade Média com seus feudos), e esse afastamento das populações menos favorecidas para as periferias gerando mais segregação espacial, trazendo novos medos pra sociedade. Estes e muitos outros fatores fizeram com que os espaços da cidade deixassem de ser vivenciados, como lugares de convívio, encontros e desencontros, lazer, descanso, passando muito vezes a ser apenas lugar de passagem e consumo, tornando-se lugares de trânsito e não de permanência e dando lugar aos muros e grades de espaços sejam públicos ou privados. O que gerou, e gera, um afastamento cada vez maior das pessoas, não promovendo a troca de experiência, convívio, calor humano, dando lugar para a insegurança, desconfiança, desconforto e medo.

M. P. Baumgartner diz: “um cotidiano em que a vida se consome em esforços tendentes a negar, minimizar, conter e evitar conflitos. As pessoas fogem dos confrontos e demonstram forte desagrado ao serem alvo de reivindicações e censuras por erros cometidos”. (SENNETT, 2006, pg.18). A tecnologia nos permite o afastamento, a evitar o contato com as pessoas, evitar a multidão de estranhos. Vivemos a era da visão – a sociedade imagética. (BAITELLO, 2005)

ESPAÇO.PÚBLICO.ENCONTRO.SOCIABILIDADE.TROCAS.VIVÊNCIAS.EXPERIÊNCIA

“Edifica-se a casa para se estar nela; funda-se a cidade para se sair de casa e reunir-se com outros que também saíram de suas casas”
(GOITIA,1982)

Com todas essas transformações, os espaços públicos da cidade também foram se modificando. Estes espaços que já foram palco de inúmeros acontecimentos, mas que podemos defini-los, de maneira geral, como o espaço do convívio fora do âmbito familiar, o espaço de encontros, de sociabilidade, lazer e diversão, política e manifestações, religião e comércio, ou seja, o espaço da troca entre os cidadãos.

Na contemporaneidade esses espaços têm, cada vez mais, perdido seu sentido de existência, esses lugares têm servido, muitas vezes, como apenas de passagem.



Fonte: Fotos tiradas no Pateo do Colegio, São Paulo, pela autora

O medo do outro, que se viveu no sec. XVIII com as cidades tornando-se cosmopolitas e seu crescimento baseado principalmente nas imigrações de camponeses e estrangeiros, nos remete a nossa época, uma cidade enorme, com milhares de estranhos ao nosso redor. O medo se multiplica, a interiorização do homem aumenta se fechando mais para o mundo externo, e para esses espaços de exposição extrema. Constatamos isso com a questão da vida privada das classes mais altas e o número crescente de condomínios residenciais, verticais e horizontais, que isolam literalmente a vida entre muros e portões, dentro desse novo território não se tem mais a necessidade do espaço público da cidade, pois estes novos espaços o “trazem” para dentro dos muros, o lugar de passeio, do clube, dos parquinhos, do lazer, estão todos ali, e o morador só convive entre “os seus”. Já nas classes mais baixas, as grandes distâncias pode ser um dos motivos para a não utilização desses espaços de convívio, encontro ou lazer, e em seus bairros muitas vezes não possuem estruturas de espaços públicos para essas funções. E, claro, a própria mudança comportamental, que hoje não entende o espaço público como um espaço para se usar e vivenciar.

Vicente Romano, 1998, estuda e analisa o crescente processo de privatização dos espaços públicos, que antes eram espaços de comunicação, festa e proximidade, não associados ao consumo, mas associados à celebração e a comunhão do espaço e do tempo.

Com a privatização, passam os espaços a ser, em primeira estância, espaços de grande apelo visual ao consumo. Estar no espaço privado do comércio conduz ao atendimento das exigências do comércio. São, portanto, espaços privados de coerção: por estarem no espaço do comércio, as pessoas passam a ser visíveis pelo que consomem e não por sua presença e pela comunhão do tempo e do espaço, não mais pela celebração da proximidade. A visibilidade associada ao consumo torna-se o preceito primeiro a ser atendido. Além disso, o grande apelo mágico do mundo da exacerbada luminosidade exerce sobre os jovens um enorme fascínio que também leva a coerção de decisões de consumo. Isto constitui, por si só, um cenário acabado de violência lapidada e invisível. (BAITELLO, 2005: 39)

A cidade e território pertencem inevitavelmente à experiência cotidiana de cada um. (SECCHI, 2006:19). A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade. (LEFREBVRE, 2001: 15)

Os equipamentos coletivos tornaram-se, assim, ilhas separadas do contexto urbano. Em muitos casos, mesmo sendo grandes pólos de atração de públicos específicos, não são mais lugares centrais. O interior é separado do exterior por grades intransponíveis por muros

impenetráveis à visão, no próprio imaginário coletivo. Mais uma vez separar e distanciar. (SECCHI, 2006:100)

O que ainda hoje chamamos equipamentos coletivos, antes era verdadeiramente espaço público. Um espaço que se prolongava para o exterior dos edifícios, no átrio, na praça e no bairro, da mesma maneira que fora do edifício nasciam e se prolongavam algumas práticas sociais que o investiam: as procissões, os banquetes e as festas de carnaval. Podemos ter, a partir disso, uma pálida, mas viva, imagem das festas de quarteirões sienenses, nas festas e procissões napolitanas, e em geral, nas festas e procissões das cidades mediterrâneas. (SECCHI, 2006:100)

Ainda se vê esses tipos de práticas sociais em cidades pequenas onde seus moradores ainda frequentam a praça principal, ou a praça da igreja para as festividades juninas, festas em homenagens aos santos e também os carnavais acontecem ainda nas suas ruas e espaços abertos, mas nas metrópoles essas práticas vêm se perdendo ano a ano, apenas eventos de grande porte acontecem em datas específicas como vemos na virada do ano na Av. Paulista em São Paulo, ou eventos culturais que acontecem anualmente. Enquanto que, as cidades de porte médio, vêm passando por essa transição de cidade pequena para cidade grande, e muitos espaços sofrem o esvaziamento.

A cidade contemporânea substitui os lugares tradicionais da sociabilidade por outros lugares ainda em via de progressiva definição funcional e formal. Os shoppings são seu exemplo mais evidente, mas o cinema, os estádios, os aeroportos, as discotecas, as praias em determinado período do ano, os lugares onde ocorrem reuniões esporádicas e circunstanciais para um concerto ou para uma manifestação política e suas diversas combinações. (SECCHI, 2006:102)

Porém, o que temos visto atualmente no Brasil e no exterior, é que ao mesmo tempo em que a população está se afastando dos espaços urbanos como lazer, descanso, contemplação, e utilizando apenas na correria do cotidiano como passagem; temos também um número crescente de grupos (coletivos) e pessoas que estão tentando trazer de volta a população para esses espaços, para o convívio público.

Assim, os espaços urbanos como as praças, calçadas, deveriam ajudar a gerar maior uso dos espaços, o que muitas vezes pela falta de estrutura, mal cuidados, insegurança é o que afasta o público como as crianças, as famílias, os idosos. Uma ação conjunta, de arquitetos urbanistas junto a esses grupos (coletivos), e ainda apoio por parte da gestão pública ou privada pode-se conseguir uma melhora nesses espaços, motivando e instigando o uso do cidadão na cidade.

ARTE.PUBLICA.URBANA.SOCIEDADE.INDIVIDUO.DEMOCRATICO.CONTEMPORANEO

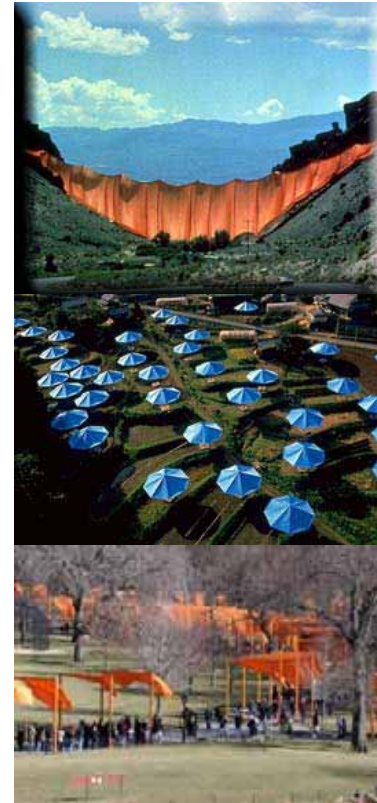
“[Necessária como a ciência, não suficiente, a arte traz para a realização da sociedade urbana sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição...] [a arte restitui o sentido da obra, oferece múltiplas figuras de tempos e espaços apropriados não impostos, não aceitos por uma resignação passiva, mas metaforseados em obra.] [se as ciências descobrem determinismos parciais, a arte (e a filosofia) mostra como nasce a totalidade a partir de determinismo parciais]...” *Henry Lefebvre*

Arte pública, segundo muitos autores², toda arte por si só já é pública. A arte feita para exposições, galerias, museus e acervos, ou para ruas e praças. Os monumentos de personagens ou obras encomendadas pelo governo para inserir na cidade, são de caráter público por seu caráter literal. Mas a questão principal é se essa arte é democrática? Pois bem, porque elas estão expostas na cidade, e é de graça olhar passivamente, ou ir ao museu e exposições mesmo quando gratuito, não caracteriza ser democrática.

² Em enquete realizada por Sergio Sister, Dora Longo Bahia, Danilo Miranda, Arnaldo Antunes, Tadeu Chiarelli... com a pergunta: O que é arte pública? Em site <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/956,3.shl>

No âmbito contemporâneo se pede mais dessa arte, a arte deve (ou deveria) ser pensada para os espaços onde será inserida, seu contexto, sua história, quem são aqueles que poderão se apropriar dessa arte pública. Essa intervenção artística (efêmera ou permanente) passa a ser inserida, inscrita, no espaço e em quem participa do momento artístico, pede movimentação do corpo, do olhar e da mente daquele que a presencia.

A partir da crise de 1960, o minimalismo rompe com o espaço transcendental da arte, recolocando a obra de arte entre os objetos, explorando as conseqüências perceptíveis de uma intervenção num dado local. O espectador passa da apenas contemplação em um ambiente neutro, para viver uma experiência estética proporcionada pelo lugar que está inserido. (PEIXOTO, 2002:18)



Obras realizadas por Christo e Jeanne Claude
Fonte :<http://www.christojeanneclaude.net/wr.shtml>

E o que se tem visto, ou denominado, como essa arte pública, são as “artes urbanas” de caráter político, social, questionador. Segundo Pallamin, a arte urbana é uma prática social. Suas obras permitem apreensão de relações e modos diferenciados de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trata com significações sociais que os rodeiam, seus modos de tematização cultural e política. (PALLAMIN, 2000:23)

Autores como Senie, Cruz, Miles, Remesar, Nunes ou Sobrino Manzanres, são unânimes em considerar que uma obra de arte colocada num espaço público o transforma de imediato. Um espaço onde uma obra é inserida torna-se automaticamente outro, ou seja, de espaço transforma-se em lugar, em oposição aos *não-lugares*³. (REIS,s/d)

Para Ricardo Reis, em artigo publicado na internet sob título “papel educativo da Arte Pública”, a Arte Pública tem também a capacidade de desencadear a vida social, o que se reflete muitas vezes na utilização e permanência dos cidadãos nos espaços urbanos. Ora a

³ Ricardo Reis cita a explicação de Marc Augé (2005), “a distinção entre lugares e não-lugares passa pela oposição do lugar ao espaço.” “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar”. Assim, “por “não-lugar” designamos duas realidades complementares mas distintas: espaços constituídos em relação com certos fins (transporte, trânsito, comércio, tempos livres), e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços.”

conjugação destes fatores – um espaço urbano agradável, grupos heterogêneos de cidadãos e a existência de obras de arte – proporciona aos transeuntes, ou aos que permanecem no local, um motivo para encetar diálogo, sendo uma forma de estabelecer novas relações sociais.

A Arte é enfocada enquanto um modo de construção social dos espaços públicos, uma via de produção simbólica da cidade, expondo e mediando suas conflitantes relações sociais. (PALLAMIN, 2000:13)

“A arte pública diz-se também que transforma sítios em lugares, tendo em conta que sítio é o espaço físico, com a sua história e contexto e lugar é o mesmo espaço vivido. A arte pública está, portanto, diretamente envolvida com o desenvolvimento das experiências do sítio.”

(CRUZ apud REIS,s/d)



Obras realizadas por Peter Gibson

Fonte : http://blog.uncovering.org/archives/2008/09/peter_gibson_roadsworth_e_arte_das_ruas.html

A arte urbana é um modo de re-apropriação dos espaços que se dizem públicos, as ruas, as praças, as calçadas, as pontes. E elas podem se manifestar de diferentes formas, que podem ou não ser consideradas “arte”. Como instalações, performances, arte processual, land art, graffiti art, lambe-lambes, que se utilizam de diversas linguagens como dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura, etc. Dirigidos a um espírito comum, as coisas do mundo, a crítica sobre os problemas sociais, políticos, urbanísticos, mercantilistas e denunciando o caráter da arte elitista.

As artes contemporâneas estão se misturando de tal forma, que não há mais como defini-las tão prontamente, as *performances* se aproximam tanto do teatro, quanto da dança, junto de outras mídias, *happenings*, que fica difícil nomear todas elas, segundo Cohen, essas artes contemporâneas podem ser chamadas de Arte de fronteiras. (FERNANDES, 2008).



Obras realizadas por Basky

Fonte : http://blog.uncovering.org/archives/2008/11/bansky_arte_de_guerrilha_segredos_e_animais.html

A intervenção artística no espaço urbano vem contribuir para a redefinição desses espaços, ao criar novas tramas com o seu entorno. Richard Serra, diz que a obra feita para o lugar não implica na adequação as suas características históricas ou tradicionais, não vem ressaltar os aspectos já inscritos no local, pelo contrario, a obra no sitio especifico, evidencia que o lugar esta em permanente mutação, e impõe algo estranho, que reestrutura a percepção desse lugar, lhe dando novas relações entre as coisas no contexto dado, novas significações e novos modos de ver. (PEIXOTO, 2002:22)

Somente aqueles que pertencem ativamente à vida social (do domínio da práxis), em sua capacidade global, possuem poderes de criar novas relações sociais. (LEFEBVRE, 2001:107)

O que podemos então dizer é que aqueles que vivem a cidade realmente é que conseguem de fato interferir nela,



Obras realizadas por 1. Michael Neff, 2. knit/crochet graffiti, 3. Varal
Fonte: <https://secure.kuat.com.br/blojsom/blog/kuat/image/>
<http://deputy-dog.com/2008/11/urban-knitting-worlds-most-inoffensive.html>
<http://corpocidade.blogspot.com/>

vivenciar a cidade em sua plenitude. E assim se apropriam dos espaços, e criam suas próprias relações.

A intervenção é uma inscrição num fluxo mais amplo e complexo que é a dinâmica da cidade, em que implica entender a cidade como algo em movimento, em varias direções. Intervir, é um gesto sobre o que já está em movimento, um paradigma da metrópole contemporânea, que se configura como uma vasta rede onde sempre se entra em movimento. (PEIXOTO, 2002:12)

Essas manifestações artísticas urbanas, e por sua vez públicas, tratam muitas vezes da questão do cotidiano e mostram-se plenos de articulações, segregações e rupturas e nos trazem junto à territorialidade, que envolve condutas, representações e sentimento de pertencimento expressos individuais ou coletivos.

As artes, de forma geral, sempre foram um modo não apenas de expressão artística, mas também, um elemento



Obras realizadas por 1. Mídia.tática, 2. Poro/jardim, 3.Acerca do espaço
Fonte: http://www.faced.ufba.br/~educom/fabio/midia_tatica.htm
<http://poro.redezero.org/inicial.html>
<http://corpocidade.blogspot.com>

transformador por seu caráter crítico, de manifestação e ao mesmo tempo encantador (ou até mesmo perturbador). E se utilizar dela para trazer novamente o olhar para a cidade e para suas problemáticas é de grande valia para a sociedade em geral, e ainda traz para a sociedade mais cultura, mais atratividade, e torna-a por sua vez mais crítica.

E elas sempre tiveram grandes relações com o espaço público, seja como divertimento, entretenimento, político, servindo de espelho para a vida social. A sociedade baseada no consumo também tornou a cultura e a arte como mais um produto para se consumir, mas trazer com mais força a cultura para o âmbito da cidade, para as ruas, é uma forma de ir contra a essas referências do individualismo e consumismo, e pode influenciar na qualificação desses espaços. Muitos movimentos artísticos atuais vêm trabalhando nessa questão de trazer a arte para as ruas, por exemplos coletivos de intervenções como o grafite, performances, danças, teatros, e outros exemplos mais antigos como a Internacional Situacionista, o Helio Oiticica, que também sempre intervieram nos espaços públicos com grande crítica não só propriamente ao espaço, mas ante ao comportamento da população ou até mesmo críticas políticas. E assim poder captar a atenção não só do pedestre-passante questionando-o, mas também das forças políticas ou outras instituições que poderiam fazer algo para a melhoria desses espaços. É o

trabalho de trazer o olhar de volta à cidade, de volta para os problemas existentes nesses espaços.

Podemos ainda citar, outros casos que não de arte, mas de apropriação dos espaços da cidade, como vemos no le parkur ou ainda os skatistas, que se propõem a vencer os obstáculos da cidade, os vãos, escadarias, muros, edifícios, grades. Esses mobiliários, as ruas, os elementos que compõem o ambiente urbano, se transformam no seu campo de ação para a prática do esporte e de sua apropriação, utilizando-se do seu próprio corpo. Ou ainda outras práticas esportivas que também se apropriam dos espaços como o próprio futebol, onde as comunidades se apropriam de terrenos baldios para fazerem seu lazer, ou até mesas nas praças pra se jogar cartas ou dominó.



Le Parkur em Bauru 1.Parque Vitória Régia 2. Praça da Paz
Fonte: http://jovem.ig.com.br/street/noticias/2008/09/25/le_parkour__pulando_pela_cidade_1938302.htm
http://www.levisbeoriginal.com.br/projeto_detalhe.aspx?id_project=4391

ARTE.PUBLICA.BAURU.SIMBOLOS.FAMILIARIDADE.REFERENCIAS.IDENTIDADE

“Face ao caos de sinais, à efervescência do cotidiano e à proliferação de imagens que homogeneízam a cultura visual urbana, a cidade exige signos que a identifiquem e formas que a caracterizem. Juntamente com a arquitetura, é inquestionável a contribuição da «arte pública» para a redescoberta dos lugares, a reatribuição de sentido aos espaços e a humanização do meio ambiente, acrescentando-lhes novos valores e conduzindo a novas percepções.”
(NUNES apud REIS,s/d)

Na cidade de Bauru, apesar de possuir diversas faculdades na área de artes como os cursos de Arte, Arquitetura e Design da UNESP, como também Arquitetura na UNIP e USC e ainda o curso de Artes Cênicas da USC (considerando alunos e professores), a cidade possui um mínimo de obras de arte que pode ser considerado quase nada pelo porte da cidade e pelo número de artistas que vivem nela.



1-Pomba-Praça da Paz.. 2-O leão – Av. Nações Unidas
Fonte: Fotos da autora

As artes inseridas dentro do contexto urbano mesmo quando são apenas escultóricas ou quando possuem a interação com o cidadão, além de criar a familiaridade com o lugar, criam-se símbolos de referência da cidade como pontos de encontros, ou até informações de lugares e de como se chegar a outros. Assim os moradores adquirem identidade também com a cidade.

Em Bauru podemos citar como forte símbolos e “artes”: a concha acústica do Parque Vitória Régia, a Pomba no espelho d’água da Praça da Paz, o Leão da Avenida Nações Unidas. E Outros não tão representativos como em algumas rotatórias que possuem obeliscos ou algum marco e ainda o “bauruzinho” símbolo do lanche que leva o nome da cidade.



1-Concha Acústica, Parque Vitória Régia.
2-Obelisco, Rotatória Praça das cerejeiras
3-Escultura, Lago do bosque da Comunidade
Fonte: Fotos da autora

CORPO.PEDESTRE.MOTORISTA.CIDADÃO.CITADINO.PASSANTE.INDIVÍDUO

“O corpo é um campo neutro entre o indivíduo, suas necessidades e o mundo exterior.”

Nietzsche

O mundo da visibilidade é o mundo da visão exacerbada e a visão é um sentido de distância, ao contrario dos sentidos do olfato, do paladar e do tato. Dessa forma, a visão não requer a presença, possibilitando as substituições pelas imagens, enquanto que os sentidos de proximidade exigem a presença física, a corporeidade. E quando se privilegiam a distancia e as imagens visuais, só o que pode ser visto assume o status de valor. Ora, o equilíbrio comunicacional do homem pede a presença distribuída de distância e proximidade como um passo para a vida afetiva. A era da visibilidade, entretanto, nos transforma a todos em imagens, invertendo o vetor da interação humana, criando a visão que se satisfaz apenas com a visão. A comunicação de proximidade, interpessoal, familiar, fraternal, importante dispositivo de equilíbrio para as tensões e conflitos



individuais, vem sendo crescentemente suprimida pelas relações escravizadoras da era da visibilidade. Os espaços da comunicação de proximidade, os rituais familiares, os encontros festivos, os contatos de proximidade física em espaços de acolhimento, caminharão para a extinção se a escala da privatização dos espaços públicos continuar seu curso sem a resistência de instâncias regulamentadoras responsáveis. Restara a violência bruta como única via de acesso aos contatos corporais. (BAITELLO, 2005: 39)

A mídia primária⁴, que se resume ao corpo e suas linguagens naturais, têm estado em baixa diante do poder econômico e político da comunicação em grandes escalas por aparatos cada vez mais potentes e sofisticados. E, ao contrario do que se esperava, a crescente eletrificação das comunicações não ampliou o espaço nem o tempo das relações de proximidade. Mães e pais têm menos tempo para seus filhos e para seus amigos. Pequenas esferas de contato elementar, o bate-papo, a pratica esportiva, a pratica lúdica, têm perdido

⁴ o autor distingue três mídias. A mídia primaria que é a mídia do corpo, que se resume na voz, o cheiro, o gesto e o gosto, exige o tempo e o espaço do aqui e agora, a secundária que representa aquilo que homem registra, como a escrita, o desenho, a imagem, usa-se de um objeto para transmitir sinais, informação, para ele o espaço é um obstáculo e o tempo é lento pois há a necessidade de decifração e decodificação. A terciária que abrange o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão e agora a internet, vem com a era da eletricidade, nele o espaço é desprezível, e o tempo é acelerado.

sistematicamente terreno para a diversão chamada eletrônica, mediada por aparelhos de comunicação sim, mas criadores de distância. Até mesmo no processo educacional caminham céleres as formas de desmanche da proximidade e do convívio direto, nos processos adequadamente denominados “educação a distância”. As universidades passam a transferir o espaço-tempo da aula para o chamado ‘espaço virtual’ das redes, os professores são convidados a permanecer o maior tempo possível em suas casas, transformando seu computador em sala de aula e atendimento virtual. (BAITELLO, 2005)

Tal visão mantém pontos de contato com os fatos apontados por Montagu, revelando ambas as visões um ponto de questionamento crítico quanto ao crescente uso dos sentidos de distância em detrimento dos sentidos de proximidade. Tal desequilíbrio pode estar gerando um tipo de carência e suas conseqüentes lesões sociais. (BAITELLO, 2005)

O espaço público moderno atribui ao corpo o papel de objeto sem tema, localizado dentro do contexto da rua, que é vista como uma máquina sem espírito, mecanismo privado de alma, artefato que, na falta de uma consciência privada ou compartilhada, não é nada além do trabalho que realiza: a cidade em si. (DELGADO; 2008)

Como organismo vivo, a cidade e a arquitetura interagem diretamente com o meio, as pessoas e a vida que há nela, o tempo todo.

Esse papel central do corpo na atividade de zonas urbanas evoca automaticamente a referência formal da dança. Isso não é fortuito, uma vez que o corpo e a cidade estão sempre em estado de agitação permanente, mesmo de forma latente, quando em repouso ou imóvel. (DELGADO; 2008)

Para Jacques e Britto, (2008), não só os estudos do corpo influenciaram os estudos urbanos como mostrou Richard Sennett, em seu livro *Carne e Pedra*, mas que corpo e cidade se configuram mutuamente e, que não só os nossos corpos ficam inscritos nas cidades, mas as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos. O que a autora chama de *corpografia* urbana, que representa uma espécie de grafia (como uma cartografia) da cidade vivida que fica inscrita, mas ao mesmo tempo configura o corpo de quem a experimenta. Neste sentido, a compreensão de *corpografias* poderia servir para a reflexão sobre o urbanismo, através do desenvolvimento de outras formas, corporais ou incorporadas, de se



Fonte: Imagens do Ciudades que danzan (www.cqd.com)

apreender o espaço urbano.

Delgado, 2008, trata o pedestre - corpo sem sujeito, apenas com seqüência de atos - é constituído de uma série de descargas energéticas em espaços desiguais que acontecem em curtos intervalos de tempo, e ao mesmo tempo representam pontos de união de conexões sempre frágeis e laterais com outros organismos que se encontram ou se cruzam. E o mesmo autor ainda nos faz lembrar do famoso livro de Jane Jacobs, na Morte e Vida de Grandes Cidades, (2000), que descreve o fluxo incessante dos espaços públicos como um “intrincado balé, no qual dançarinos solistas e em conjuntos têm papéis específicos que milagrosamente reforçam-se mutuamente e compõe um todo ordenado”.

Esse foco nas atividades que os seres humanos (corpos) desenvolvem dentro dos espaços públicos, deveria ser conduzida principalmente como uma *coreologia*. A presença de indivíduos, grupos ou multidões, que se relacionam basicamente através de sua



Fonte: Fotos tiradas na Praça Rui Barbosa e Parque Vitória Régia em Bauru, pela autora

presença física imediata, nas superfícies urbanas - calçadas, shoppings, corredores de metrô, *halls* de estações, praias – nos mostram nada mais do que figuras dançantes. (DELGADO; 2008)

É parte do homem a necessidade de se expressar através dos gestos e dos movimentos, e desde os primórdios utilizam-se da dança como meio dessa expressão, seja nas celebrações ou nos rituais. E os espaços públicos desde muito tempo têm servido de espaço de atuação desses momentos. As festas populares, o folclore, as danças de raízes são só mais alguns exemplos que podemos citar.

“O ato de andar é para o sistema urbano o que o ato de falar é para a linguagem” (CERTEAU,1984:97) O pedestre, ao caminhar, atualiza algumas das possibilidades determinadas pela ordem construída. Porém, através do uso particularizado que promove, ele também, amplia as possibilidades e proibições envolvidas nesta ordem (através de desvios que ele mesmo cria



Fonte: Fotos tiradas no Pateo do Colegio em São Paulo, pela autora

ou adota. Ainda para Certeau, o caminhar do pedestre define o espaço como um “lugar praticado”, sendo tal espacialidade de ordem distinta daquele do espaço cartesiano, panótico, funcionalista. Refere-se a uma espacialidade temporizada, antropológica, histórica, corporal. “praticar um espaço... é num lugar, “ser outro” e “passar ao outro”. (PALLAMIN, 2000:38)

Os embates da apropriação estariam presentes na passagem do “usuário” /consumidor (ao qual estaria associado a noção de” produto”) para o “usuador” (que estaria próximo a noção da “obra”). (PALLAMIN, 2000:44)

O destaque, dado as performances, que se seguiu à queda das grandes narrativas da Modernidade, gerou entre outros, o temor da inadequação. Da inadequação de nosso corpo – por exemplo, com ênfase nos cuidados que a ele dispensamos, ênfase essa que caracteriza nossa época – e da conseqüente atenção a dimensões corporais da cidade, ao constituir-se como espaço topológico e da memória que, para ser usufruído, requer cansaço, gera medo ou prazer, espaço onde nos tronamos sensíveis ao frio e o calor, a umidade e a secura, a luz e a sombra, do qual lembramos os cheiros e sons, lembramos mais as posições relativas dos lugares que suas distâncias físicas. O medo do nivelamento, da semelhança, da uniformização. (SECCHI, 2006:35)

Um mundo sensível as performances tem fobia do igual e do definitivo, daquilo que não permite distinguir-se e destacar-se, isso tem como consequência a progressiva privatização do próprio corpo, do próprio estilo de vida, do espaço no qual isso acontece, leva ao progressivo aparecimento de inúmeras microracionalidades indiferentes umas as outras ou entre si conflitantes. (SECCHI, 2006:36)

Um mundo sensível as performances continua "devorar a si mesmo, julga inadequado e superado tudo o que já foi visto e experimentado, e que poderia ser diverso, esse mundo é continuamente investido por novos desejos, novas manias e esperanças. A confiança no novo, apesar de ter caracterizado a modernidade, torna-se ansiedade, continua acelerações, ritmo frenético, medo de não manter o ritmo em um mundo carente de orientação, porque carente de formas, medo de não manter o ritmo em um movimento social aparentemente destituído de finalidade. (SECCHI. 2006:36)

No fim do sec. XX: corpos que se encontram, atraindo-se reciprocamente, rejeitando-se, adequando-se, modificando-se. Corpos em movimento, que com seu deslocamentos exploram territórios bem mais amplos daqueles de períodos anteriores. Corpos de homens e mulheres, corpos que encontram casas, calçadas, pedaços de asfalto e de pedra, automóveis e trens,

espelhos d'água e jardins. Corpos isolados ou coletivos que cada vez mais emergem e se impõem no cinema, na dança e nas artes visuais. (SECCHI, 2006:150)

A modernidade havia expropriado a presença do corpo, a fenomenologia da contemporaneidade o coloca no centro da experiência. Para Sennett, retomar contato com a experiência e com a cotidianidade significa, na literatura e nas artes do fim do século, redescobrir o sentido simples das coisas, e suas características táteis, olfativas, sensoriais. A dimensão corporal da cidade ficou sem as características topológicas do espaço, pela aproximação da pluralidade da experiência corporal, à unicidade da geometria e de seu portavoz legítimo ao grande ideal moralizador da modernidade. (SECCHI, 2006:150)

EVENTOS.ARTE.CULTURA.VIVÊNCIAS.EXPERIÊNCIAS.COMPORTAMENTO

Atualmente, nas diversas áreas das artes, indivíduos e coletivos vêm tentando contrapor toda essa discussão da vivência dos espaços urbanos, e lutam e agem para que as pessoas retornem para esses espaços, através de performances, teatros de rua, festivais de dança de arte, ou com ações pontuais eles indagam, questionam e mostram com seu próprio corpo muitas vezes a vivência desses lugares.

Um dos exemplos, que tem acontecido no mundo todo é o Festival Cidades que dançam (“Ciudades que Danzan”), que representa uma rede internacional de festivais de dança com programação em paisagens urbanas, que acontecem em diversas cidades da Europa e da América Latina, fundada em Barcelona, na Espanha, em 1992, e que tem por objetivo humanizar as cidades, valorizar o patrimônio artístico e arquitetônico e promover o intercâmbio entre os centros urbanos. Os lugares que já tiveram



e a cada ano torna o festival são inúmeros como Barcelona (Espanha), Getafe (Espanha) Sevilla (Espanha) - Marsella (França) – St-Martin-d'Hères (França) - Lisboa (Portugal) - Dro (Itália) - Ravenna (Itália) - Bologna (Itália) - Genova (Itália) - La Habana (Cuba)- Londres (Inglaterra) - Buenos Aires (Argentina) Bogotá y Bucaramanga (Colômbia) - Heidelberg (Alemania) Zürich (Suíza) - Rio de Janeiro (Brasil) - São Paulo (Brasil). E a cada ano mais cidades e países entram em parceria com o festival ampliando essa discussão e trazendo muita arte e cultura para as ruas de todos esses países

No Brasil, temos dois exemplos até o momento, a Cia de dança do Rio de Janeiro que tem o nome de Dança em Trânsito, que se explica como “A dança interferindo na vida cotidiana das pessoas. O urbano relacionando dança, arquitetura e itinerância. Esta é a síntese de Dança em Trânsito, um festival internacional de dança em paisagens urbanas”. E o objetivo é justamente promover a dança contemporânea em diferentes espaços da cidade, libertando-se das paredes do teatro. Bailarinos utilizando de espaços diversos encorajam o público a redescobrir os espaços cotidianos, com acontecimentos inesperados e inusitados. A dança é, literalmente, aberta ao público e dirigida ao cidadão comum, ao passante, que se torna um protagonista, inserido na cena do espetáculo. A cidade, os cidadãos e os bailarinos travam um diálogo em que todos são palco, ator e platéia.

Outro exemplo brasileiro, do qual eu pude presenciar, vivenciar Foi o *IV VISÕES URBANAS - Festival internacional de dança em paisagens urbanas*. Este festival que ocorreu entre os dias 20 de maio a 23 de Maio, no Pateo do Colégio, no centro da cidade de São Paulo. Teve sua programação baseada em Dança, performances e poesia, tendo a cidade como tema/discussão /palco.

Abaixo segue algumas observações das apresentações que tive a possibilidade de assistir e registrar, e logo em seguida alguns dos registros feitos.

- Coreológicas – Caleidos Cia de Dança. São Paulo – SP

Durante a apresentação, o público é convidado a participar corporalmente, além de ver (apreciar), dançar também (interagir) juntamente com os dançarinos.

No Festival, esse momento teve grande participação principalmente de crianças que pararam para assistir os dançarinos, e acabaram se divertindo muito mais no momento que chamaram elas para “brincar” junto.



- Puntear- Cia Damas em trânsito e os Bucaneiros – São Paulo – SP

Baseado na ocupação dos espaços não convencionais, como praças, edifícios históricos, escolar, parques, por meio da improvisação em dança e música, através do espetáculo traz o questionamento de outras formas de habitar e intervir nos espaços no momento presente.

Durante esta apresentação teve momentos muito marcantes, ora ou outra algumas pessoas se empolgavam e saiam pulando e dizendo “agora é minha vez”, outro momento foi o de atravessar a rua movimentada com o fluxo das pessoas, de veículos, e ônibus.



- Sapatos Cegos – Cia Aberta de dança – São Paulo – SP.

Esta apresentação representa um questionamento do cotidiano, do andar, do sozinho, do acompanhado, do certo do errado. Também feito especialmente para vias públicas, principalmente as ruas.

- Estado de Graça – Cia LTDA – Maceió –AL

Essa apresentação, baseada na obra VIDAS SECAS, é uma experimentação da sensibilidade diante das inquisições sociais, especialmente na questão dos recursos naturais: o uso da terra.

Durante a apresentação, o performer distribuiu terra (trazida de Maceió) para o público.

Observando as reações das pessoas que ali pararam para assistir, muitas se perguntavam o que estava acontecendo, outras que estavam a mais tempo observando comentava “nossa, a terra, tão importante, e a gente destrói tudo!”. E guardava a terra distribuída, pensativa.



- Chão: Semeio e Passo – Avoá! Núcleo artístico – São Paulo – SP
Feito especialmente para espaços públicos traz uma reflexão sobre o tempo e sua transitoriedade. Trabalhando com o espaço comum, trazendo os contra fluxos, os contrapontos e a reconfiguração dos espaços de circulação.

- Parangolés – Cia Mariana Muniz – São Paulo – SP
Resultado do cruzamento dos Parangolés de Helio Oiticica juntamente com a dança contemporânea. Questionando o corpo, os movimentos, os fragmentos os labirintos.

- Excepto La nube – Grupo maranas – Argentina
Dança em outro plano, um plano inclinado, uma dança inclinada, uma mulher inclinada.



	<i>“...e tudo pareceu um sonho.</i>	<i>juntos dividem vivenciam convivem</i>	
<i>um breve momento um instante passageiro um novo olhar pequenos pontos de poesia...</i>			<i>...o mesmo espaço sem medo.</i>
	<i>...uma arte efêmera.</i>	<i>SEM MEDO.</i>	
<i>o pedestre o homem de rua o executivo o idoso a criança</i>		<i>deixam de ser insensíveis de estarem anestesiados</i>	<i>...narcotizados.”</i>
	<i>o corpo.</i>		<i>Mariene B. Giunta</i>

“É a idéia de que as pessoas só podem crescer através de processos de encontro com o desconhecido. Coisas e pessoas que são estranhas podem perturbar idéias familiares e verdades estabelecidas; o terreno não familiar tem uma função positiva na vida de um ser humano. Essa função é a de acostumar o ser humano a correr riscos.”

(*SENNETT, R. 1988*)

Essas propostas relatadas não são de montar cenários na rua, mas sim de utilizar os próprios edifícios arquitetônicos, as ruas e as praças como cenário, usar a rua como espaço para representar a própria cidade, dando nova vida a estes espaços urbanos, renovando o interesse urbanístico por meio do encontro de duas formas de arte. A cidade não se reduz à cenografia, mas serve como objeto principal dos estudos acerca do corpo e do espaço. Ela é fundamental no papel cênico. A cidade dança, torna-se um espaço recíproco de circulação, experiência corporal e movimentos. Propostas assim trazem um novo olhar para a cidade.

O lugar torna-se corpo, e o corpo torna-se lugar. A cidade e o corpo negociam lugares, o espaço torna-se dinâmico. Como diz Merleau-Ponty,(1999), tudo faz parte integrante de uma mesma coisa, ou seja, a cidade e o corpo não se distinguem, pois são uma unidade.

Outros ações que vemos no dia a dia, são os grafittes, os lambe-lambes, stickers, espalhados pela cidade, feita por aqueles que de fato vivenciam as cidades. Muitas vezes sendo de grande crítica, social, política ou mesmo de comportamento.

Existem inúmeros coletivos espalhados pelo mundo a fora, com diversos tipo de intervenções na cidade, abaixo algumas ações desses coletivos.

EU.METRÓPOLE.CAOS.MEDO.COSMOPOLIS.MULTIDÃO.SOLIDÃO.EXPERIÊNCIA.CINZA

*“porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”
(Musica Sampa. Autor: Caetano Veloso)*

São Paulo

Cidade cosmopolita, uma cidade de estranhos, de imigrantes, de chegada e de partida. Gente por todo lado, estamos sempre em companhia da multidão de estranhos. Nos sentimos sozinhos, mas sempre com alguém do lado. Dá vontade de conversar, no ônibus, no ponto, no metro, na praça, mas se alguém tenta falar com você, dá medo, espanto, vontade de ficar bravo, reprimimos os nossos desejos, por medo. Faz-me pensar nas tiranias da intimidade, Richard Sennett nos diz em que nos transformamos ao nos tornarmos “tão para dentro”, tão para nós mesmo, diria até narcisistas contemporâneos, temos medo do outro, (ou será que de nós mesmos?). Não podemos nos mostrar, não podemos ser nós mesmos, na cidade somos vultos passantes.

Posso dizer que me sinto assim, em São Paulo, a própria capital cosmopolita, lugar do consumo, eu diria do consumo exagerado, quando se fala de São Paulo, as pessoas dizem: “Lá é ótimo, tem tudo para se fazer, a qualquer dia a qualquer hora”

A vida virou consumo, é gastar: dinheiro, moda, cultura, trabalho, tempo... tempo, não! Isso lá não se tem, as pessoas não tem tempo, tempo de olhar a sua volta, de perceber os detalhes, de conhecer o vizinho, de dar bom dia, de olhar para o céu... Que céu? Isso não se tem também, só se tem um emaranhado de prédios, de vidros, ou abandono... Abandono... Isso lá se tem muito, mas as pessoas passam rápido, são passageiros a todo o momento, ao andar pelas ruas, calçadas, praças, não se pode parar, porque se parar vão se deparar com o abandono, de prédios, de terrenos, dos espaços públicos (?), das inúmeras e muitas pessoas abandonadas, pedintes, crianças, mendigos, moradores de rua, isso não se falta lá. Tem que ser passageiro, um transeunte rápido, não se pode parar, nem reparar.

Cria-se então um mundo novo, ou diria muito velho, voltamos às cidades muradas, a Idade Média, cidades muradas para impedir invasões, bandidos, assaltantes, voltamos aos feudos, feudos contemporâneos, onde só moram “iguais” as mesmas castas ou hoje as classes sociais, criam-se então toda a estrutura da cidade dentro dos novos condomínios, horizontais ou verticais, para que a cidade como um todo? Não se precisa mais dela, suas crianças não conhecerão a vida lá fora, terão medo, mas elas não precisam experimentar e vivenciar a cidade para serem pessoas melhores no futuro, não, não precisam! Pois dentro de seus muros há todo o lazer, o conforto, e a segurança que ela necessita. Até os clubes, já

estão dentro dos próprios muros, assim como o parquinho, em alguns casos até a própria escola.

A cidade deixou de significar o seu próprio significado; lugar de trocas, trocas mercantil, sim claro, mas também trocas pessoais, de convívio, de experimentação, de correr riscos, ter contatos com os estranhos, troca de informações, de quebrar suas próprias verdades, seus paradigmas, a troca de cultura, de conhecimento. A cidade um dia já fez parte de todo esse complexo de trocas, não sei ao certo se algum dia deu certo de fato, mas século ou outro, já foi importantes lugares de trocas desses inúmeros aspectos.

Hoje, na contemporaneidade, no mundo globalizado, na sociedade intimista, damos mais valor ao “contato” virtual, as informações chegam a todo momento, um turbilhão de informações, pela televisão, rádio, jornal, internet, celulares, não precisa mais sair de casa para saberem o que está acontecendo, como outrora já foi importante, não precisamos saber da opinião dos outros, (as mídias já possibilitam você saber diversas opiniões sobre o assunto), para conversar com amigos ou até com estranhos a internet gerou uma gama de possibilidades. Transformamos a ida as praças para bater papo, trocar idéias, e experiências, pelo mundo cibernético, pois a necessidade de ter contato com estranhos ainda prevalece, mas pelo medo, fazemos agora isso em segurança dentro de nossas casas.

Para que então ter os Espaços públicos dentro da cidade? Temos agora a rede de relacionamentos online, um espaço “público” com perfis de cada um, onde se pode conversar, interagir, bisbilhotar. Há sim! Somos a sociedade do Voyer, queremos olhar a vida alheia, ao invés de olhar o mundo, os detalhes, as flores, as belezas, ou tristezas. Não! Queremos olhar a vida alheia. Por isso que há tanto programas de “reality show” que fazem grandes sucessos.

Características de uma vida intimista, fechada, com medo, medo de todos, vivemos no nosso mundinho, e não queremos ser incomodados por ninguém, Os meios de informações e entretenimento caseiro já nos bastam, para consumir agora não precisa mais sair de casa, ou quem sabe pode morar em cima do shopping em sua mansão, ou ainda entrar no carro em sua garagem, e ir até o shopping (que não se entra a pé) com seus vidros com insulfilmes fechados. Sem olhar o mundo lá fora. Aliás, pra que olhar o mundo lá fora?

Um suspiro na capital

Na semana de 20 a 23 de abril, volto à cidade de São Paulo, por conta do presente trabalho, estava acontecendo o IV Festival Visões Urbanas (como explicado já em capítulo anterior), que se tratava de danças em paisagens urbanas. Eis que vou apreensiva, pois se tratava de danças no Centro de São Paulo, lugar esse que pouco freqüentei nas minhas estadias por lá, e segundo o que se ouve sobre a marginalização, as multidões, enfim era “o centro”. Fui eu, sozinha, com minha máquina fotográfica, eis o maior motivo do medo de ser roubada, perambulando em plena Praça da Sé, um pouco perdida, sem saber como chegar até o local que aconteceriam as intervenções, no Pateo do Colégio, seguindo as placas me deparo com o Pateo, famoso por sua história e por ao redor ter prédios de várias épocas que se misturam. Já estive outras vezes, mas sempre muito apressada, desta vez ao chegar lá senti uma abertura, ao sair daquelas ruas estreitas, com prédios altos e cheio de gente passando; Chegando lá, sinto um clarão, posso respirar, posso parar para olhar, uma abertura no meio daquele emaranhado de edifícios. Mas a praça tem características de praça urbana, daquelas sem nada, a não ser o obelisco, não há lugar para sentar, nem lixeiras de fácil acesso, lugar muito freqüentado por turistas, e pelos passantes-pedestres que atravessam-na para chegar ao seu destino mais rapidamente. Com o festival cria-se um

instante de estadias momentâneas na praça, os passantes corriqueiros param para olhar as performances dos bailarinos, tentam entendê-las, alguns demoram mais, outros passam apenas o olhar e continuam a sua caminhada, entre uma performance e outra os públicos são os mais variados e efêmeros, a cada minuto muda o público, se dispersam rapidamente, mas todos querem captar esse “segundo” fora do cotidiano. A cada instante traz o olhar de um novo alguém, um novo questionamento, uma mudança no olhar viciado dos trauseuntes.

É a arte, dando vida a esses espaços públicos que nos parecem tão ostis no dia a dia. E que nos fazem refletir acerca da nossa cultura, das nossas cidades, dos nossos espaços, do outro, de nós mesmos.

Conversando com alguns dos organizadores para entender o porquê deles realizarem o festival, dessa maneira, nesses espaços, Andrea Krohn diz assim: ...“É a vontade de interferir na cidade, e uma paixão pelo centro”... “no meio da selva de concreto de todos as épocas, encontra-se pontos de poesia”.

BAURU.INTERIOR.TERRITORIO.FAMILIARIDADE.ACONCHEGO.EXPERIÊNCIA.AZUL.

*“Eu sentei na linha do trem
Pra ver a fumaça dançar e pensei
Ai, que saudade do trem
Ai, que saudade da Eni
Eni que era mulher de verdade
O trem que trazia a novidade”
(Música Brasil Novo, Mercado de Peixe.)*

Volto para Bauru, cidade média, mas pra mim, com ares de cidade pequena, nascida e crescida aqui, quando nela sinto que estou no meu lar, no meu território, pois me sinto parte daqui. Não causa aquelas estranhezas como lá. Mas causa outras...

Os problemas daqui são os problemas de lá, mas em menor quantidade ou intensidade. A cada dia vejo a proliferação dos carros, essas máquinas individuais, que vão aumentando segundo por segundo, eu me lembro de quando as ruas eram mais tranquilas na cidade, as “grandes” avenidas suportavam o fluxo, não havia tantos problemas, mas os anos se passaram e eles aumentaram, mas a cidade continuou a mesma (ainda bem?).

Aqui as pessoas também vivem no seu mundo cibernético, não sei se é pior, porque às vezes me pego falando com pessoas que moram a uma quadra de casa, porque não me

locomovo até lá? Porque não preferimos mais o contato humano? Coloco-me como exemplo, pois seria hipocrisia da minha parte dizer que não faço parte desse mundo, dessa contemporaneidade.

As ruas, as calçadas, as praças, vejo a cada dia mais esvaziadas, as pessoas não param, não ficam mais contemplados, ou conversando, confesso que ainda vemos resquícios, mas a mudança é brusca. Sei que não há muitas possibilidades de espaços aqui, nosso repertório, eu diria, é pequeno, mas por que construir mais espaços públicos, para se ter mais espaços vazios. Gostaria de pensar que se tivéssemos mais espaços públicos eles seriam mais usados, ou se eles fossem melhorados também, mas creio que isso seja apenas uma ilusão.

MAPAS.FAMILIARIDADE.PERCURSO.FRAGMENTOS.ESPAÇOS.PÚBLICOS.FLUXOS

O fragmento estudado e delimitado da cidade, foi feito principalmente pela familiaridade que possuo com a área, morei muitas vezes e atualmente moro entre ou dentro dessa espacialidade. E por sentir que essa área é meu território, que faz parte do meu domínio, e onde sinto que faço parte da cidade. É a minha vivência na cidade.



O Fragmento

Aqui a área engloba desde a parte do centro comercial da cidade, que se inicia lá na ferrovia e onde se deu o início da cidade. Desta parte segue-se pela Av. Norações Unidas até o cruzamento com a Rodovia Marechal Rondon, e por outro lado subindo a Rua Gustavo Maciel, encontrando com a Getulio Vargas chegando até o fim do Aeroclube da cidade. Nesse trajeto ainda se cruza com duas avenidas de grande importância, sendo a Av. Rodrigues Alves e a Av. Duque de Caxias.

Considero essa área como uma área que atrai as pessoas de todas as outras áreas, uma parte central da cidade, e onde se localizam os principais espaços públicos na escala da cidade. Como visto no mapa ao lado. E os fluxos que



Fragmento de Bauru destaque para áreas públicas e fluxos. Fonte : autora

compostos pelas avenidas são passagens quase que obrigatória, para veículos particulares e públicos para chegar a qualquer lugar da cidade.

O Centro

O Centro foi escolhido, principalmente, pelo grande fluxo dos moradores da cidade que ainda o vivenciam, mesmo que essa vivência seja voltada para o consumo, ainda sim é uma vivência. Sua delimitação se deu pelo cruzamento de duas avenidas de grande importância para cidade: a Avenida Nações Unidas e a Avenida Rodrigues Alves e ainda pelos trilhos das ferrovias Paulista e Noroeste.



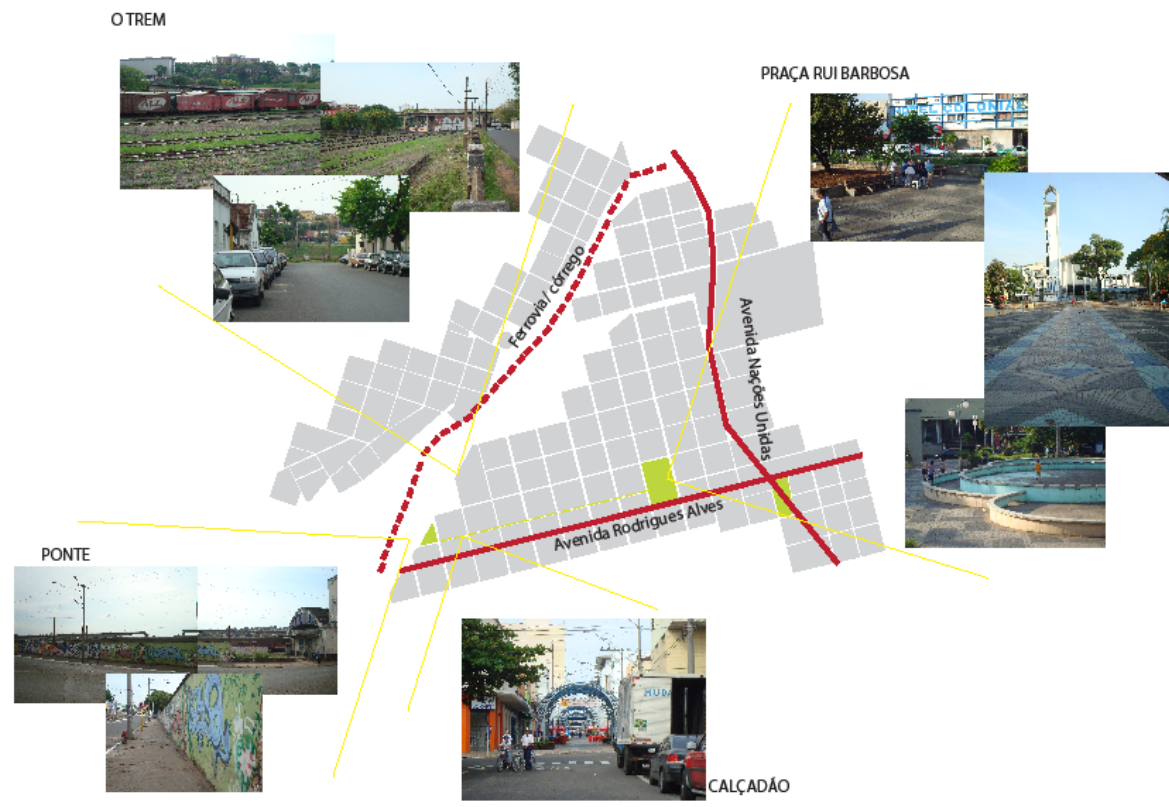
Fragmento Centro de Bauru, destaque para áreas públicas e fluxos.
Fonte : autora

No centro se localizam o calçadão da Batista de Carvalho e a Praça Rui Barbosa.

Além desses espaços de grande passagem de pedestres, de encontro, de descanso, de compras e de passeio. Outros elementos chamam muito a atenção de quem passa por ali.

O calçadão começa por uma pracinha que fica diante da estação ferroviária da NOB, hoje abandonada. Atrás da estação se vê a “PONTE”, construção inacabada que vêm sendo tema de muitas discussões, não só na Universidade, mas também dentro da cidade, a prefeitura, pra ver qual será sua solução.

O centro possui uma alta densidade, não se vê muitos vazios por ali, mas quando se vê chamam muito a atenção. Não apenas os terrenos baldios, mas os prédios abandonado ou inacabados e até a própria ferrovia que faz uma ruptura bem no centro da cidade.



Fonte : Fotos, mapa e montagem da autora

Nações Unidas

Este outro fragmento se deu pela Avenida Nações Unidas, que corta a cidade de uma ponta a outra, a avenida de maior importância para a cidade.

As delimitações foram a Rodovia Marechal Rondon, a Avenida Rodrigues Alves e ainda a Rua Araujo Leite. A Avenida Nações Unidas fica bem ao centro desses limites.

Nela se encontra o Parque Vitória Régia, e em sua redondeza ainda temos a Praça da Paz, o Bosque da Comunidade e a Praça do Líbano.





Getúlio Vargas

O fragmento da Avenida Getúlio Vargas foi escolhido pela importância da Avenida pra cidade, e pela suas mediações, nela se encontra o Aeroclube, antigo Aeroporto da cidade, ao seu redor os moradores da cidade utilizam para passeio, lazer, esporte, e também para o consumo.

As delimitações foram o próprio entorno da Avenida, na junção da avenida com a Rua Gustavo Maciel ainda se tem a Avenida Comendador da Silva Martha também de grande importância para o fluxo da cidade, que possui a Praça das Cerejeiras que se estende criando nichos de lazer para os moradores da cidade como quadra esportiva.

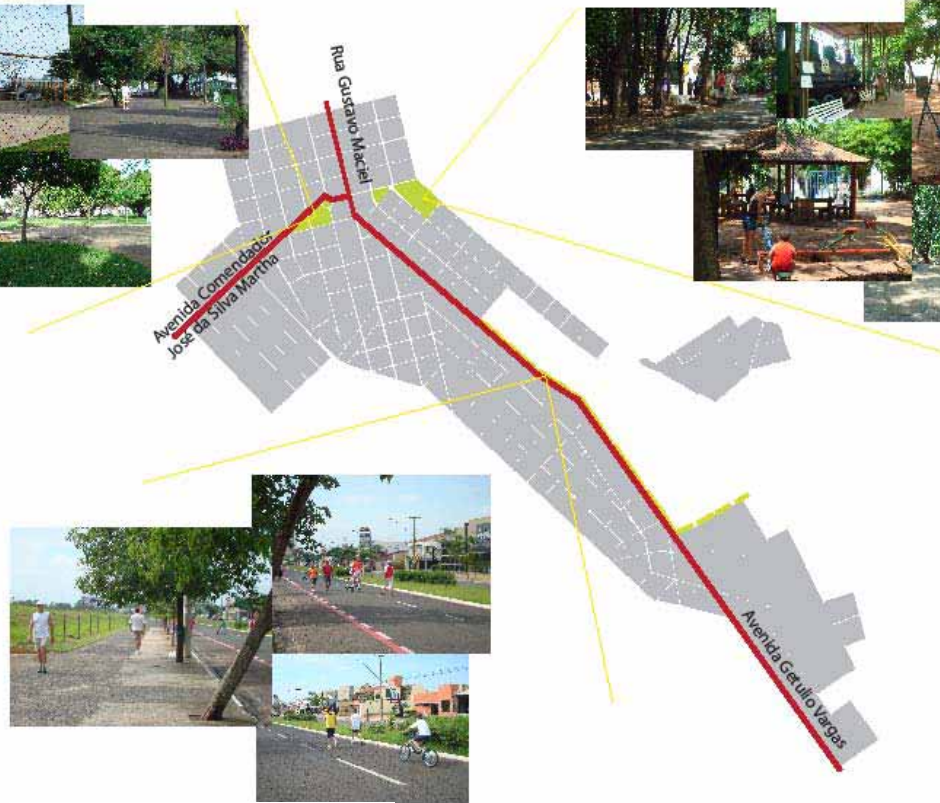


Fragmento Getúlio Vargas de Bauru, destaque para áreas públicas e fluxos. Fonte : autora

Praça das Cerejeiras



Bosque da Comunidade



Calçada Getúlio Vargas



Fonte : Fotos, mapa e montagem da autora

ESPAÇOS.PÚBLICOS.CIDADE. BAURU.INTERIOR.PRAÇAS.PARQUES.CALÇADÃO

Praça da Paz

Praça localizada em uma das avenidas mais importantes da cidade, a Av. Nações Unidas, e se encontra bem próximo da entrada da cidade de quem vem de São Paulo, fica perto do shopping da cidade.

A praça divide-se em duas partes, uma mais arborizada remetendo a uma praça de bairro, e outra parte mais seca, apenas com composições de palmeiras, dando um caráter mais urbano, na parte árida tem-se um espelho d'água onde se localiza a escultura de uma pomba, o espelho d'água ficou por muitos anos desativado, mas esse ano de 2009 voltou a funcionar (e claro, as crianças de rua a nadar por suas águas), um palco, uma cascata de água, também desativada, alguns poucos bancos (na maioria quebrados e de concreto) nesta



Fonte : Fotos e mapa da autora

área localizam-se vários trailers que funcionam no período noturno, horário de maior fluxo de pessoas devido aos comércios, na parte arborizada os usuários são mais casais de namorados no período noturno, e durante o dia algumas poucas crianças por conta de uma caixa de areia, é também utilizado para espera de colegas ou por conta de clínicas perto, e principalmente de passagem. Ainda se vê também alguns garotos andando de bicicleta ou skate um dia ou outro.

Vai parecer um tanto quanto nostálgico da minha parte, mas a praça da paz já foi diferente quando eu era criança ou mesmo adolescente.

Lembro-me de quando criança, minha avó levava meus primos e eu para brincar lá nos fins de semanas, a praça era cheia de crianças, adultos, velhinhos, na minha memória parecia até catálogo de revista. Andávamos de patins, brincávamos de correr, ou em alguns momentos até tinha alguns eventos para crianças, do tipo gincanas, jogos, circo,

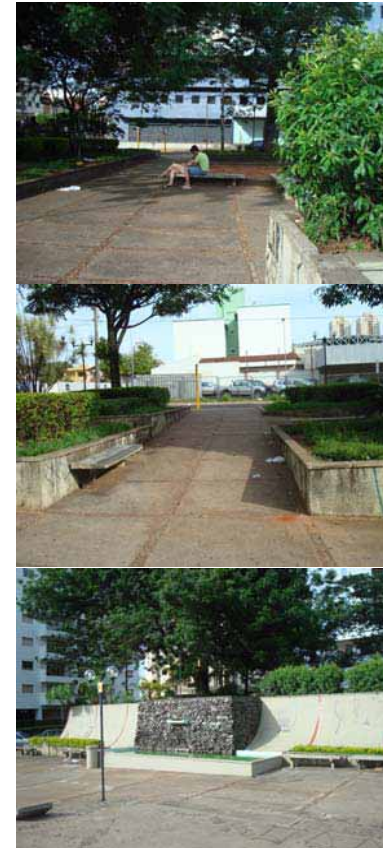


Fonte : Fotos da autora

etc. Lembro-me do algodão doce.

Já na minha adolescência, freqüentava bastante as tardes de semana e de fins de semana, andavam de skate e patins muitos amigos e em alguns momentos até eu arrisquei a aprender. Mas o local era sempre lá, usávamos o palco, os bancos, as rampas. A praça estava sempre movimentada. Ora ou outra também apareciam algumas crianças em seus motocicletos querendo brincar. Mas logo trataram de impedir que freqüentássemos o local, sumindo até com nossos canos e rampas que guardávamos de baixo do palco ou colocando bancos em frente das rampas de concreto.

Há 10 anos, era de fato muito usada a praça. Ainda lembro também de alguns pequenos shows e eventos realizados lá, que atraíam um público legal, e fazia com que a praça tivesse mais vida.



Fonte : Fotos da autora

Praça Rui Barbosa

A Praça Rui Barbosa já sofreu diversas modificações no decorrer dos séculos, inclusive no seu desenho. A praça foi criada como largo da igreja matriz, gerando um amplo espaço, porém suas características eram bem diferentes do que vemos hoje, havia muitas árvores, um lago e uma passarela. O único elemento mantido após a reforma foi o coreto. Hoje, a praça se caracteriza com amplos espaços abertos, as árvores são poucas e circundam o espaço. As fontes presentes, como todas as fontes da cidade, ficam desligadas. (mas lembro da minha infância com elas ligada). E ainda a praça se une ao Calçadão de comércio da cidade, o que gera um grande fluxo em dias de semana, nos horários comerciais.

Lembrando um pouco de quando eu era criança, freqüentei muitas vezes essa Praça, não sei ao certo se



Fonte: Fotos e mapa da autora

foi só por causa da igreja, ou se minha avó ou meus pais nos levavam lá para passear, mas o fato é que me lembro de estar lá diversas vezes. As fontes era a maior diversão, as águas espirravam e saíamos correndo, ou tentávamos molhar os amigos. Brincávamos muito de pega-pega, subíamos e descíamos o coreto. O lugar sempre estava cheio de famílias e crianças.

Hoje, a praça tem diferentes momentos, durante a semana o fluxo de passantes se dá pelo comércio, mas ainda há diversas pessoas que sentam na praça para descansar, ou conversar, principalmente o público mais velho, que sentam para jogar cartas ou dominó, bater papo, ver a vida passar. Mas quando anoitece, o ambiente vai ficando com um ar mais inseguro, gerando medo nos passantes ou nas pessoas que freqüentam, ainda se vê um pequeno movimento do bar/restaurante na ponta esquerda da praça, o Miranda's, porém o público que frequenta ao anoitecer são marginais,



Fonte : Fotos da autora

traficantes, e que espantam o público familiar.

De fim de semana, a praça dá uma esvaziada, a não ser nos horários de entrada e saída da missa. Algumas vezes acontecem eventos da igreja, de música, de cultura e feiras. Que traz um grande uso para a praça e um público bastante diversificado.



Fonte : Fotos da autora

Calçada da Batista de Carvalho

A rua Batista de Carvalho, antigamente caracterizada por uma rua comum onde se estabelecia o comércio, com o tempo a rua transformou-se em calçada de pedestre, dando prioridade aos pedestres para as compras. A rua une a Praça Rui Barbosa e a igreja Matriz com a Estação Ferroviária.

O calçada em horário de comércio está sempre fervilhando de pessoas que fazem compras, que passeiam ou que apenas passam. Ali é sempre movimentado por todos os tipos de pessoas, e se vê também alguns artistas, como palhaços, estátuas. Criando um ambiente divertido, principalmente para as crianças que ficam encantadas. Porém, ao fecharem as portas das lojas, é indicado sair correndo dali. Pois fica um clima bastante inseguro, devido ao esvaziamento. O fato de não passar carro, e não ter muitas moradias por ali, faz com que só aumente essa insegurança toda.



Fonte : Fotos e mapa da autora

Calçadão da Getúlio Vargas

A Avenida Getúlio Vargas, quando eu era pequena, ainda não tinha a parte mais nova, era mais estreita, uma avenida simples. Porém, era o local onde os jovens se encontravam todos os finais de semana, ao longo da avenida, com suas bicicletas, ou carros com os capôs abertos e com o som ligado, quem andava a pé subia e descia desfilando para ver os amigos, paquerar. Há pouco mais de 10 anos, reformaram a avenida, fazendo o calçamento contornando o aeroporto, servindo para caminhadas, corridas, ampliaram as vias, e chegaram até o Condomínio Samambaia bem mais pra frente. Lembro do episódio da construção da ampliação da avenida, e de uma famosa árvore que estava no caminho, uma árvore muito antiga e muito grande, tiveram até que fazer manifestações para a não derrubada da árvore, eis que ela permaneceu, e a avenida que



Fonte : Foto e mapa da autora

teve que se deslocar fazendo uma curva, uma grande vitória eu diria, pois a árvore é muito bonita mesmo, e dá um visual bem mais agradável para a avenida.

Hoje, com a avenida já consolidada, os jovens não podem mais parar seus carros ali, pois a vizinhança reclamava muito do barulho, e foi proibido, mas em contrapartida se instalaram percorrendo toda a avenida inúmeros bares. O calçadão feito em volta do aeroporto é muito utilizado, principalmente, nos finais de semana e fins de tarde para caminhadas e exercícios, mesmo com o péssimo calçamento, a falta de árvores para sombrear o caminho, ou até mesmo bancos para descanso.

Considero um lugar que poderia ser mais bem aproveitado pela cidade, com uma estética mais agradável, fazer também o fechamento do ciclo ao redor do aeroporto, pois chega uma parte do calçadão que tem que voltar pelo mesmo caminho, pois a pista termina e vira mato e terra. Ainda



fazer uma praça, incentivar de fato o esporte e o lazer com espaços apropriados, separando caminhada das bicicletas. E a arborização mais apropriada, pois tem-se que esperar até o fim da tarde para a utilização do espaço devido ao sol muito forte.



Fonte : Fotos da autora

Bosque da Comunidade

O Bosque de Bauru fica localizado perto do bairro Altos da Cidade, chegando perto do Aeroporto, fica um pouco escondido aos que não conhecem a cidade, apesar de ser um tipo de bosque de bairro, pela sua história e por ser considerado ponto turístico, ele atende na escala da cidade como um todo, e não só na escala do bairro.

O bosque, hoje, apesar de estar com um aspecto de abandono, ainda tem muito uso, no parquinho em alguns horários as crianças brincando com seus pais ou babás, existem algumas aulas (ginástica, yoga, etc.) algumas pessoas “tentam” caminhar nas pistas que sempre foram bem ruins para caminhadas em geral. Os bancos são freqüentemente usados por casais de namorados, ou alguém a espera de um amigo.

Atualmente, não freqüento o bosque, apesar de passar na



Fonte : Fotos e mapa da autora

frente todos os dias, mas reparo em muitas diferenças de quando eu era criança.

Íamos muito com a escola, a Maria Fumaça sempre esteve lá e fazia maior sucesso com a criançada, mas o que mais divertia eram os animais, os gansos, patos, galinhas d'angola, a diversão era sair correndo atrás, pegar penas, ir até o laguinho lá em baixo (que para mim, era enorme e tão escondidinho, o bosque parecia gigante, a ponto de me perder por entres os caminhos). Hoje o lago está seco, apenas se vê a escultura no centro, de animais só se vêem os gatos. As plantas são bem cuidadas no geral, o lugar é limpo, mas faltam bancos bons, lixeira, um aspecto melhor. Mas felizmente ainda se usa bastante, mesmo que não se veja muito do lado de fora, por causa das cercas que existem em todo seu perímetro.



Fonte : Fotos da autora

Parque Vitória Régia

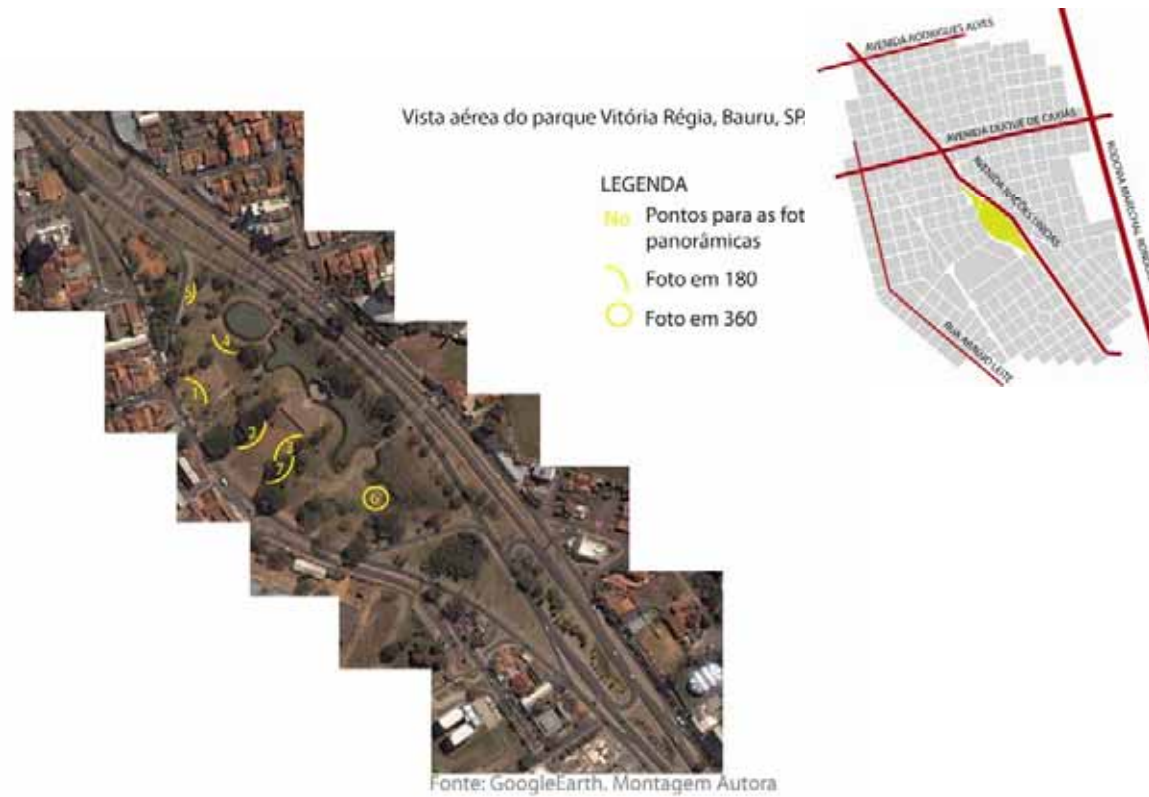




Foto 01 -180 no Parque Vitória Régia



Foto 02 -180 no Parque Vitória Régia



Foto 03 -180 no Parque Vitória Régia

Fonte: Foto e montagem pela autora



Foto 04 -180 no Parque Vitória Régia



Foto 05 -180 no Parque Vitória Régia



Foto 06 -360 no Parque Vitória Régia



Foto 07 -180 no Parque Vitória Régia

Fonte: Foto e montagem pela autora

O Parque Vitória Régia também se localiza na Av. Nações Unidas, ponto turístico, mostrado como o cartão postal da cidade.

Um ano atrás, andava durante a manhã por lá e quase não havia ninguém, os caminhos, os bolsões, o parquinho, nada... Ninguém. Ora ou outra se via alguém passeando com seu cachorro ou fazendo exercícios (os homens na parte interna da praça, as mulheres andam em volta, pude reparar bem em algumas visitas que fui fazer entrevistas com os usuários)

Durante algumas noites, tinha e ainda têm o time de Rugby da cidade que treina alguns dias da semana, no gramado reto. Durante os fins de semana, há um grupo de malabares que treina por lá, e começaram a trazer a discussão do por que ninguém utilizava o parque, pude notar que com o passar dos fins de semanas, foram aumentando o número de pessoas que freqüentavam a praça, pude visualizar famílias passeando com cachorros ou crianças, casais namorando no gramado. Quinzenalmente no parque também ocorre uma feira de artesanatos “Ubá”, que traz muita vida a praça, muitas famílias, casais, mulheres e



Fonte : Fotos da autora

jovens.

No mais, somente em eventos de grande porte é que se via muita gente por lá. Como por exemplo, a virada Cultural, ou ainda quando vem alguma banda ou sinfonia fora dessa época.

O parquinho, nos fins de semana era mais utilizado, mas as mães em geral têm um pouco de medo, pois existem alguns freqüentadores que deixam o ar meio inseguro para elas e suas crianças.

Hoje em dia, em algumas vivências minha feitas por lá, fiquei muito animada por ver o quanto está mudando. Essa nova gestão da prefeitura tem incentivado ao uso do Parque, e pelo que pude presenciar tem funcionado. Pelo menos nos fins de semana o Parque mesmo quando não há um evento específico tem atraído a população de todos os tipos e idades, crianças com os pais, idosos, adolescentes (de várias tribos diferentes) e tudo junto misturado. Cena agradável de ver e de sentir.



Fonte : Fotos da autora

O parque tem características de contemplação, por ter bastante área gramada, árvores pelos caminhos tortuosos, o lago, não há atividades específicas para se fazer. A não ser apropriações dos espaços para brincar, jogar, dançar, treinar malabares, e etc.

No lago da para se observar algumas crianças de rua nadando e se divertindo durante semana ou de fim de semana, é só fazer um calorzinho que lá estão eles. (Um dos motivos que a prefeitura diz ter desligado todas as fontes e secado os espelhos d'águas de todas as praças da cidade). Mas o lago tem estado limpo e com peixes.

No passado, quando criança, lembro de ir alguns fins de semanas, levar minha cachorra para passear, aquele lugar era imenso na minha visão de criança, descíamos com papelão os taludes, soltávamos pipas. Já na adolescência creio que só fui aos eventos quinzenais que costumavam ter, ou durante a madrugada com os amigos.

Mas a principal forma de fazer o Parque funcionar além da manutenção e segurança do lugar é o incentivo para a população vivenciar este espaço tão rico da cidade.



Fonte : Fotos da autora

PROJETO.INTERFERÊNCIA.INTERVENÇÃO.INSTALAÇÃO.INTERAÇÃO.IMERSÃO.AÇÃO

“CONSUMA A CIDADE”

Evento/interferência artística/arquitetônica de arte, cultura e lazer nos espaços públicos da cidade de Bauru.

- **OBJETIVO**

Têm o intuito de trazer a população para vivenciar os espaços públicos e de lazer, que hoje na cidade são subutilizados. Trazendo junto com a arquitetura, a arte e a cultura uma nova espacialidade do espaço já existente. Transformando-o assim em Lugar.

Com a idéia de que as pessoas só vão a esses lugares em eventos, utilizar desse Evento para instigar/questionar a população a frequentar mais esses espaços.

Assim ao modificar o ambiente já existente, implantando uma nova configuração, instigar os usuários de usar de novas maneiras o espaço, e trazer novos usuários pela curiosidade da mudança daquele ambiente estagnado.

- DISCUSSÃO

Trazer a discussão de que hoje em dia as pessoas só transitam pelos espaços públicos da cidade e não a vivenciam, e dialogar com a questão da sociedade baseada no consumo, como o consumo de diversão, de lazer, de mercadoria e de arte e cultura.

Trabalhar com essas questões para atrair a população para consumir a Cidade e seus espaços públicos, através das vitrines espalhadas na cidade, nos elementos urbanos e no parque.

- PROPOSTAS

AÇÃO 1 – PERCURSOS

Utilizar-se da arte de guerrilha, espalhando por diversos pontos da cidade insinuações de que está acontecendo algo (já fazendo as pessoas refletirem sobre o que está sendo discutido).

A partir de Propaganda em versão de lambe-lambes e outdoors, assim como instalações das Vitruines em terrenos baldios espalhados na cidade nos percursos ligando os espaços públicos estudados com as instigações de consumir a cidade gratuitamente.

As instigações serão através dos fluxos de pedestres, motoristas e passageiros de ônibus pelos percursos utilizados normalmente de um ponto ao outro. Utilizando-se dos muros,



Fonte: Esquerda: fotos da autora de propagandas de mercados na cidade de Bauru
Direita:Imagens para lambe-lambe e flyers a serem espalhados pela cidade feitos pela autora.

postes e terrenos baldios para fazer as colagens.

Os lambe-lambes serão feitos remetendo as propagandas de mercados e feiras que sempre têm em destaque seus preços, no caso dos lambes as promoções serão sempre de R\$ 0,00 e os produtos serão ARTE, VIVÊNCIA, SENSAÇÕES, CULTURA, LAZER, CIDADE, etc.

Já os Outdoors espalhados nas avenidas de grande fluxo, serão apenas com frases de “consume A cidade” ou “VIVA a cidade”, apenas instigando os passantes/pedestres/motoristas.



Os percursos são divididos em 3, apesar de muitas vezes eles se coincidirem. São eles o percurso do pedestre que vai utilizar a maioria das vezes o caminho mais curtos e menos íngreme de um ponto ao outro.

O percurso do motorista de carro, que utiliza as vias mais rápidas. E o percurso que as linhas existentes de ônibus fazem de um ponto ao outro.



Mapa dos percursos gerais. Fonte: autora.



Mapa do percurso do pedestre. Fonte: autora. 87

Durante o percurso do pedestre, o olhar se atém aos detalhes, desde fisuras na calçada, nas paredes, grades, texturas, flores, luzes. Porém, um dos elementos mais repetitivos do caminho todo, é o poste. Elemento de iluminação, de conexão, pontos por todo o percurso. Algumas vezes usados como propaganda, as vezes sem nada, outras pintados para dar um ar mais agradável. Na correria do dia a dia, talvez nem seja reparado, apesar de ser o mais visto, passa para o subconsciente, e deixa de ser percebido. Ao olhar para frente, para os lados e até mesmo para cima. Estão em todos os lugares.



Percurso do pedestre, Rua Araujo Leite altura do Aeroporto até a Av. Rodrigues Alves. Fonte: autora.

Durante o percurso do carro, ou do motorista, as sensações são de movimento, rapidez, velocidade e distância. A cidade passa, não se fixa a não ser em paradas obrigatórias.

A visão no geral é para frente, ao redor a cidade fica fora do foco. A visão fica turva. O olhar vai para um lado, pro outro e volta pra frente, não se prende, não se detêm.

O que se vê é asfalto.



Fotos pelo percurso do motorista. Fonte: autora.

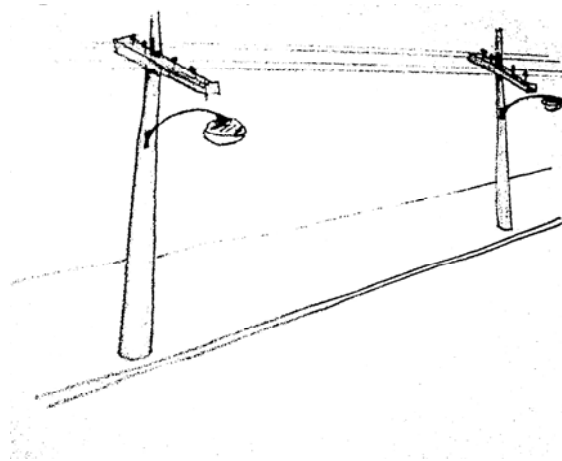
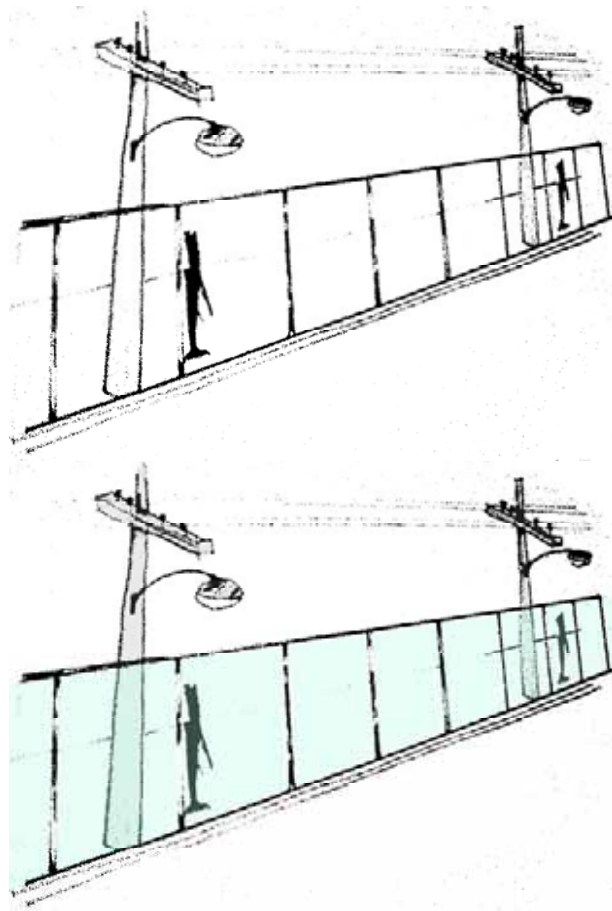


Mapa do percurso do passageiro de ônibus. Fonte: autora. 91

Durante o percurso do ônibus, os passageiros têm a visão “de cima”. Ao contrário dos olhares do pedestre e do motorista que possuem a altura de visão na altura do olhar quando se está em pé no chão. A altura desse olhar do passageiro é alta e emoldurada pela janela do ônibus. A cidade passa como se fosse *frames* de um filme, com certa rapidez, a diferença do carro é que o passageiro no ônibus olha para o lado, a visão que se têm é das copas das árvores, das placas de sinalização, das janelas das casas de dois pavimentos, do final dos muros, das coberturas.

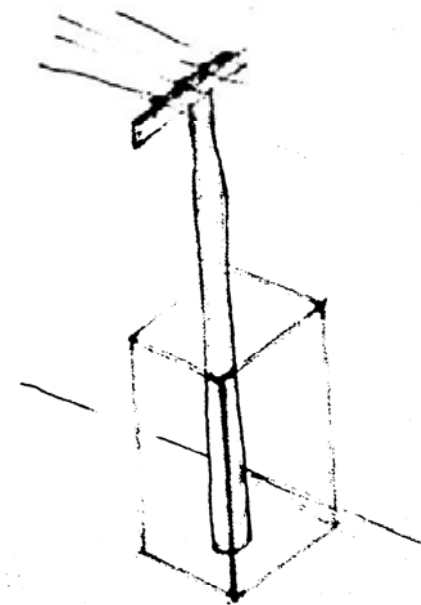
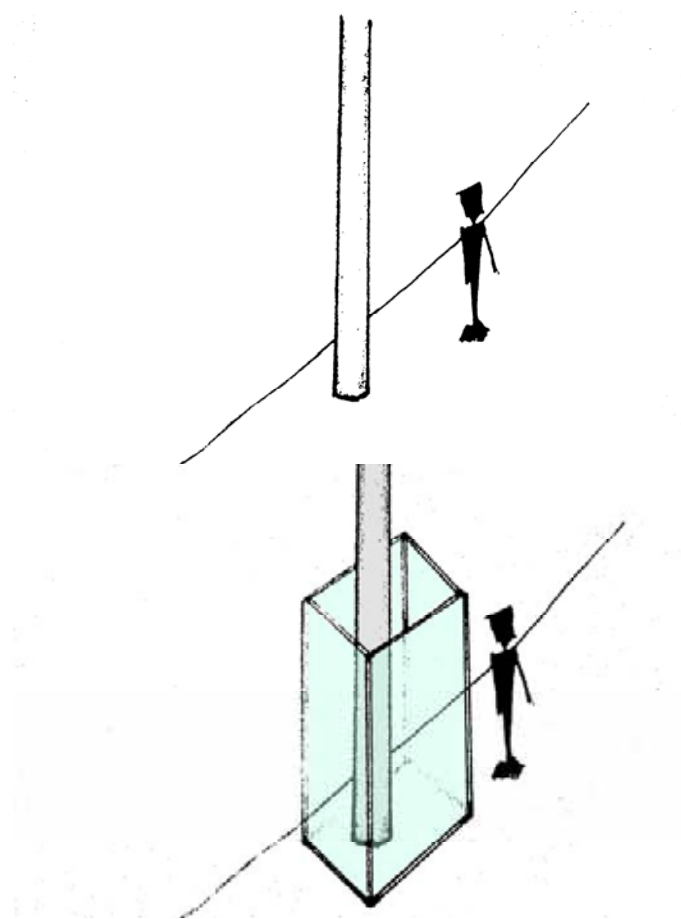


Fotos pelo percurso do passageiro de ônibus. Fonte: autora.



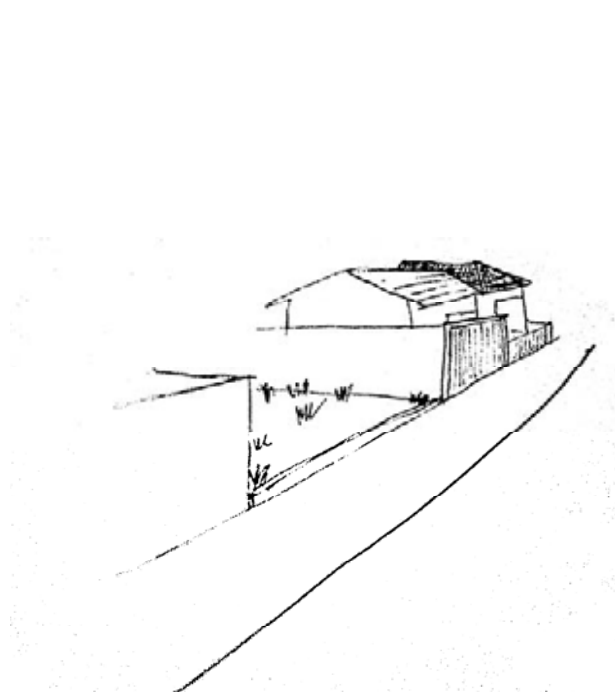
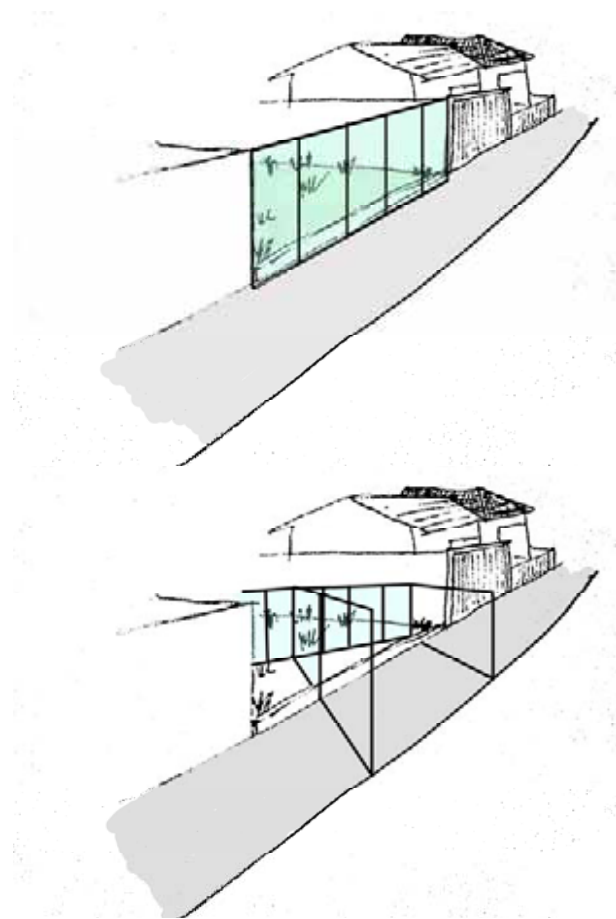
Calçadas

Nos percursos. Fonte: Autora



Postes

Nos percursos. Fonte: Autora



Terrenos Baldios

Nos percursos. Fonte: Aurora

AÇÃO 2 – OUTRAS MÍDIAS

Expandir a discussão através de outras mídias tem sido um papel de grande importância no contexto atual. E a internet é o veículo hoje de maior eficiência, visto que principalmente, os adolescentes utilizam a internet como meio de informação principal, através dos Blogs, Twitter, Orkut, MSN e sites.

<http://consumaacidade.blogspot.com>

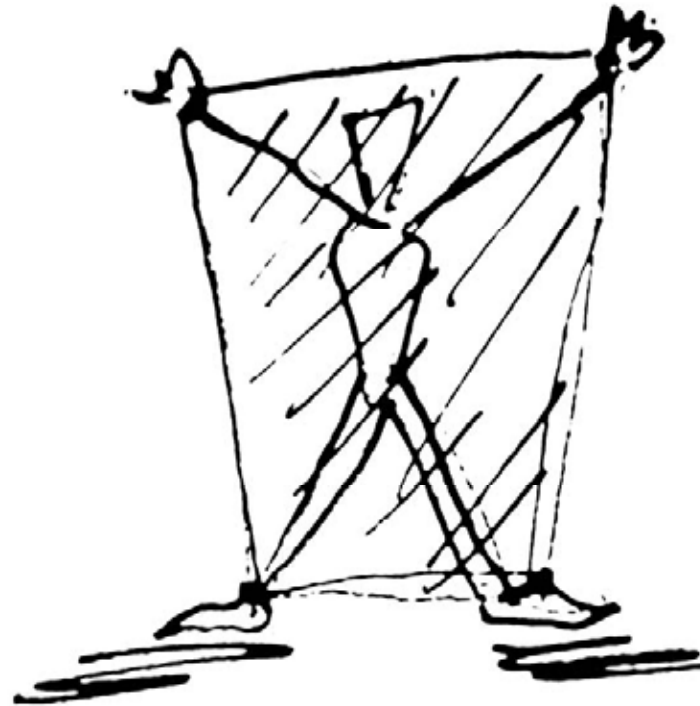
É a ação utilizando-se da internet como meio de comunicação para discutir a questão das vivências nas cidades, abrindo a discussão para a população, os internautas e mostrar também o que está acontecendo de vivências. Assim como as minhas próprias vivências na cidade. Com visitas aos parques, praças, feiras, calçadões e etc.



AÇÃO 3 - A INTERVENÇÃO – Efêmera

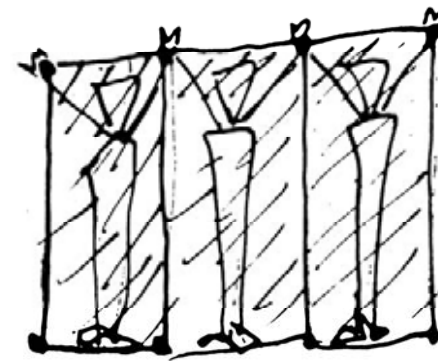
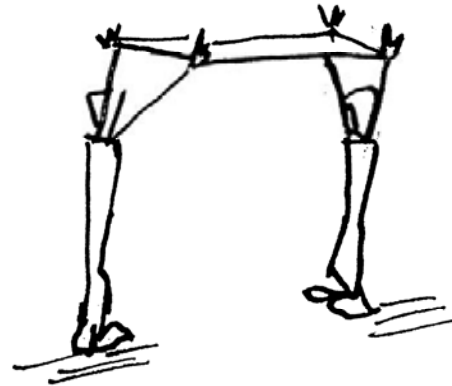
Com a idéia da instalação efêmera o lugar da intervenção se expande, podendo acontecer em diversos deles. Mas pontuando os lugares de maior interesse para o projeto seria o Parque Vitória Régia, a Praça da Paz, a Praça Rui Barbosa e o calçadão da Getúlio Vargas. A escolha desses lugares se deu, principalmente, pelo fluxo de pessoas que existe, seja pela passagem ou mesmo pelo lazer.

A instalação efêmera contaria com o auxílio de algumas pessoas, amigos, performers e fotógrafos para poder acontecer.

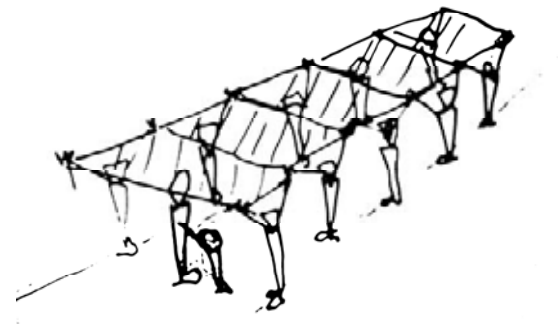
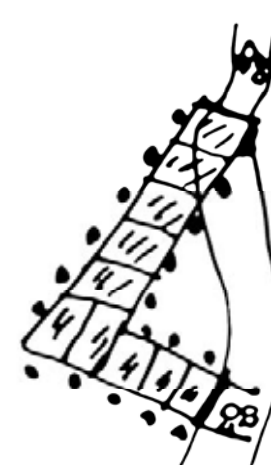


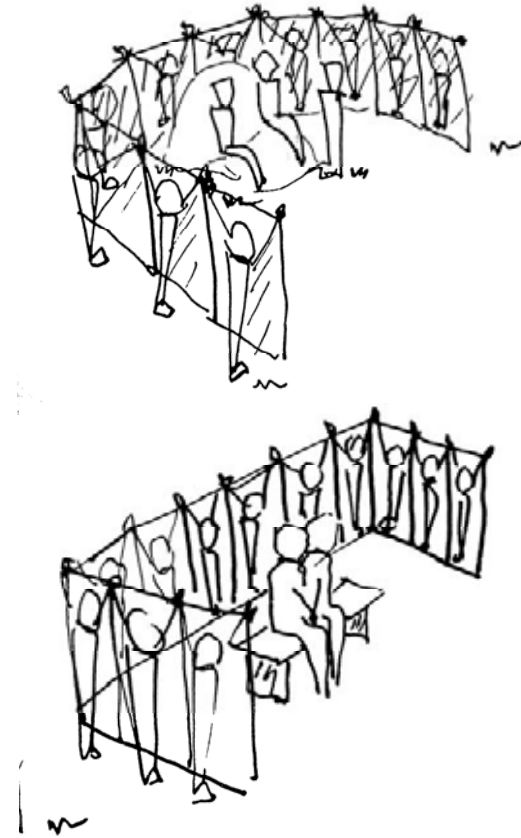
A composição seria feita da seguinte forma: Cada pessoa representa (é) um módulo e este módulo é composto por uma estrutura de forma retangular podendo ser feita a princípio de tubos de pvc com a ligação entre eles através de joelhos e 90° com altura de 2,00m por 1,00m de largura (podendo ser usado no lugar do PVC material como Bambu), como fechamento dessa estrutura seria plástico do tipo toalha de mesa plástica de 10mm de espessura (para ter uma pequena resistência).

A performance/instalação fica dependente de como está cada ambiente. Mas a idéia base para acontecer é trabalhar a partir das situações com os usuários desses ambientes. Ou seja, ao ver um grupo andando pelo caminho predestinado, criar barreiras e novos fluxos de



caminhos para as pessoas desviarem e seguir novos fluxos, com outros passantes criar um túnel, ao encontrar um grupo sentado, criar um nicho ao redor, em outro grupo utilizar das estruturas para obter uma cobertura. E assim a partir das pessoas, dos lugares, do momento fazer as interferências no ambiente e nas pessoas que estão vivenciando o lugar e por consequência a instalação/performance fazendo parte integrante (e essencial) dela.





Fonte: desenho e maquete da autora Performance/instalação 100

AÇÃO 4 - A INSTALAÇÃO – Permanente

Trabalhando com a idéia do consuma A cidade, a instalação se refere ao estar consumindo e a ser consumido a todo o momento, assim são utilizados Vitrines como meio de articular as idéias propostas. Onde ao mesmo tempo em que o usuário estará consumindo o lugar, as pessoas, o entorno, as paisagens, ele também é alvo do consumo.

Assim, proposta da instalação permanente (a proposta do permanente é apenas de média/longo prazo, ao contrario da efêmera, que aconteceria em apenas momentos, esta seria de dias a semanas) se fixaria no Parque Vitória Régia, pelo seu porte, sua gama de possibilidades e sua subutilização, apesar de hoje estar sendo mais usado, a intenção é manter ou ainda aumentar a utilização da área. Atraindo cada vez mais pessoas da cidade para usufruir de um dos poucos lugares que se têm da cidade para lazer, descanso, atividades. Podendo ter duração variada de uma semana, um mês ou ainda as instalações poderiam ser até permanente.

Poderá acontecer em outras partes da cidade pequenas instalações como a Praça da Paz, a Ponte, Praça Rui Barbosa, Calçadão da Batista, Bosque da Comunidade, até como

forma de mobilizar a cidade como um todo e expandir a intervenção para a cidade. Essas instalações nas áreas diversas da cidade seriam compostas por novas espacialidades compostas por planos, linhas e superfícies. Que podem permanecer como pequenas instalações ou ser apenas intervenções efêmeras (utilizando a performance).

No caso da instalação permanente os módulos se compõem de folhas de vidro (de alta espessura e resistência) ou mesmo placas de Acrílico transparente (remetendo ao vidro pela transparência) com armação em perfil metálica tipo "U", de tamanho 1,5X3,00. Para o encaixe dos módulos tem-se um articulador com travamento em formato circular, também metálico, para maior flexibilidade das formas, possibilitando ter diversos tamanhos, formas, alturas e funções.

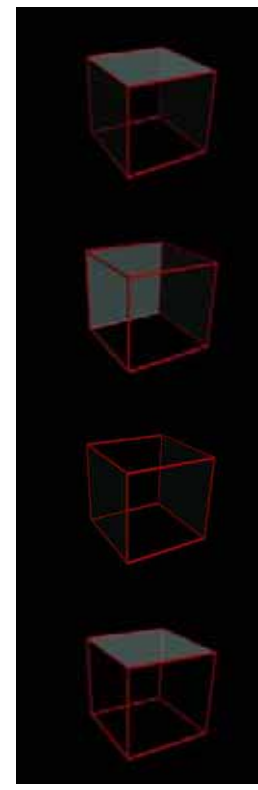
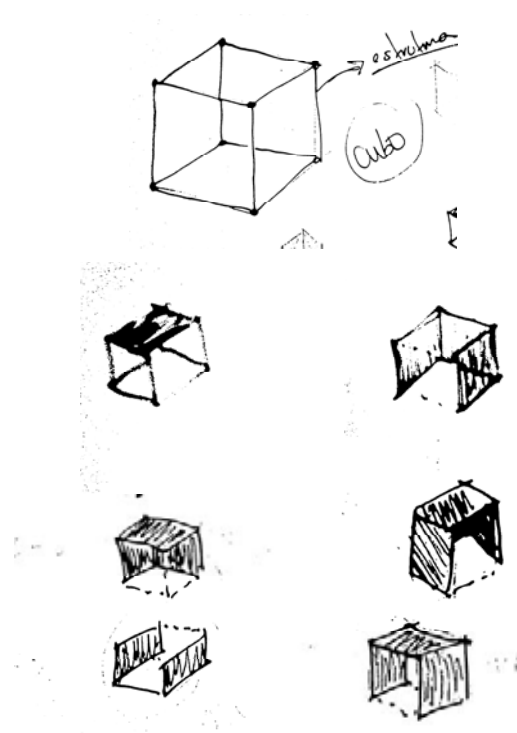
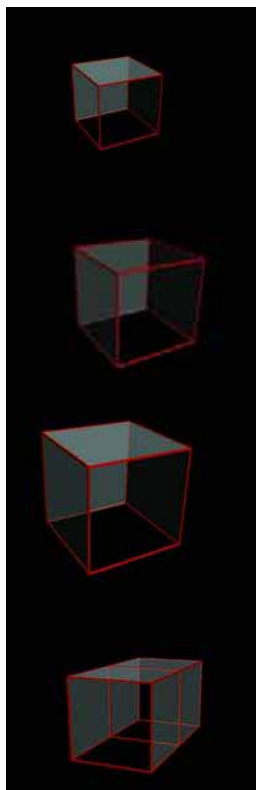
As estruturas compostas deverão ter uma infra-estrutura com pequenas estacas nos pontos finais de cada composição para se firmar na terra. E ser uma estrutura segura, mas também de rápida execução.

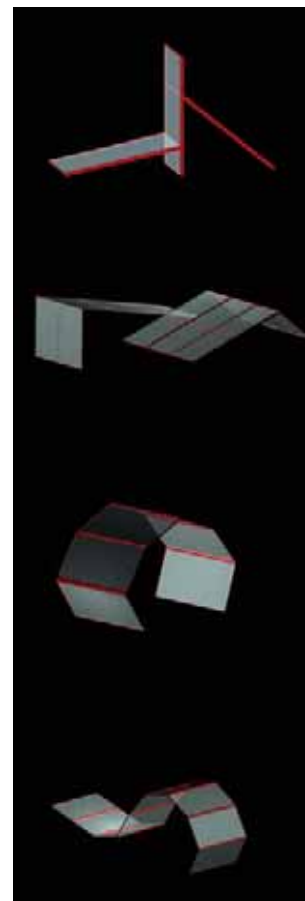
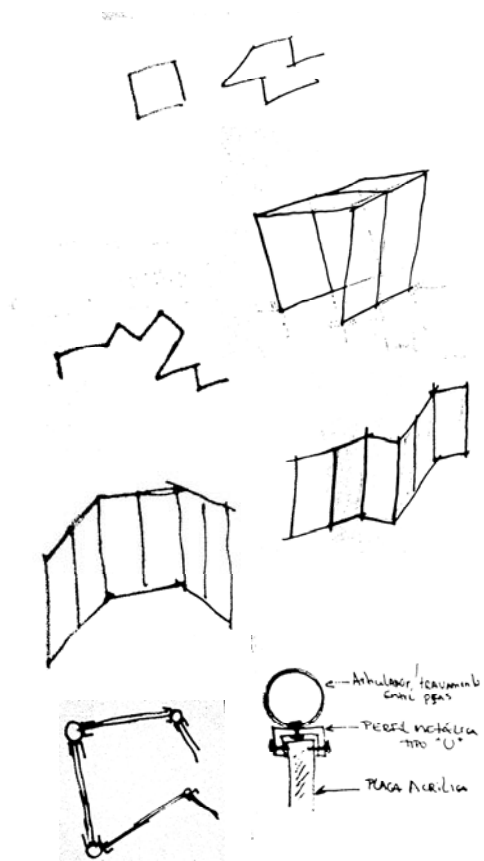
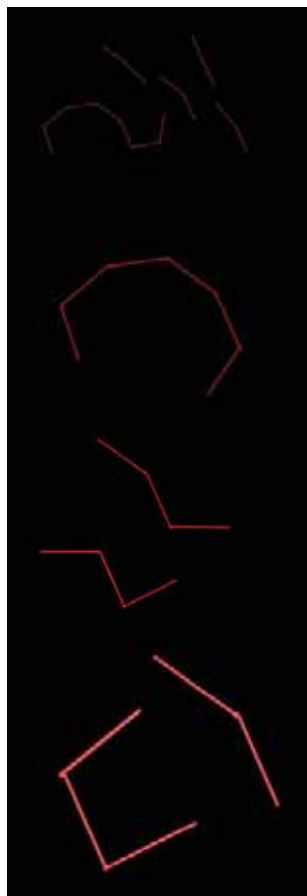
Esses módulos comporão espaços diferenciados, como nichos, coberturas, paredes de delimitação e exposição, túneis, dependendo de cada necessidade que houver para as funções.

Para a intervenção permanente é previsto também a iluminação para a utilização desses novos espaços também em horários noturnos, deverá ser previsto iluminação tipo holofotes de vitrines (vindo de baixo com o foco para a vitrine) e alguns pontos de iluminação dentro de alguns nichos dependendo da necessidade. Criando uma iluminação de cenário para maior destaque das estruturas e suas vitrines.

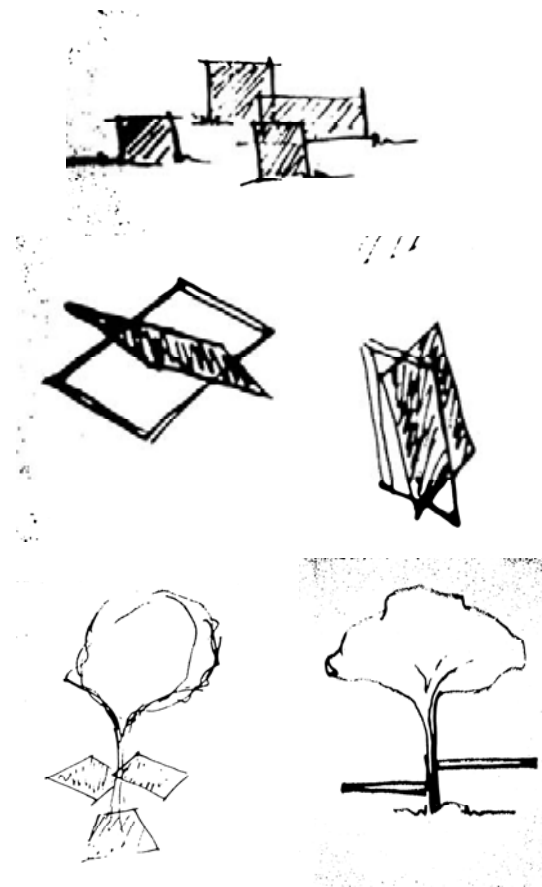
Dentro e entre essas composições podem-se ter atividades variadas. Como o evento tem possibilidades de duração mais prolongada poderá haver uma diversidade maior de atividades (propostas ou não), podendo a cada semana a estrutura se modificar e criar novas espacialidades e ambientações.

PROCESSOS.TRAJETORIA.CAMINHOS.VIAGENS.IDEIAS.PENSAMENTOS.ABSTRAÇÕES

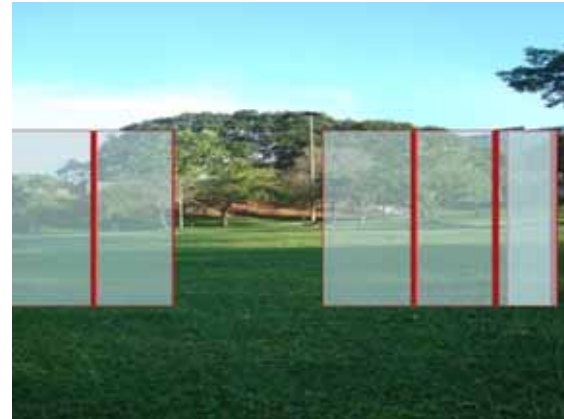
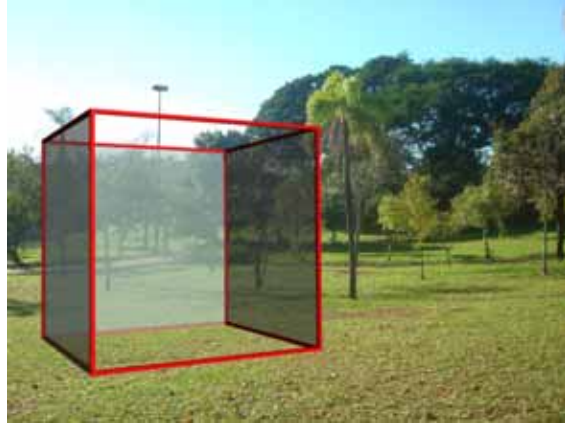
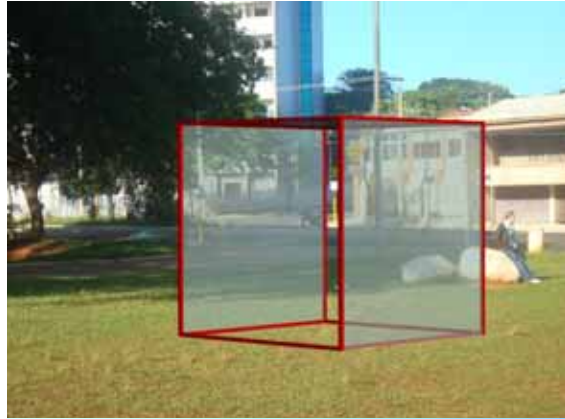




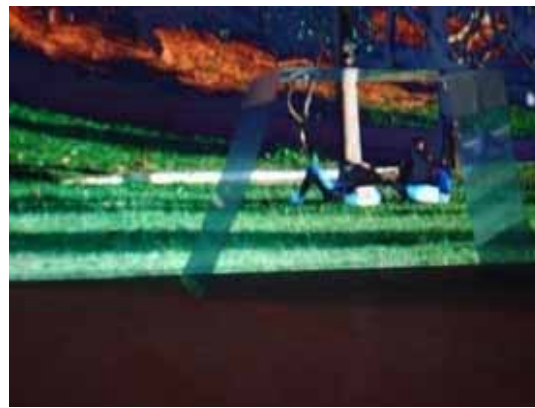
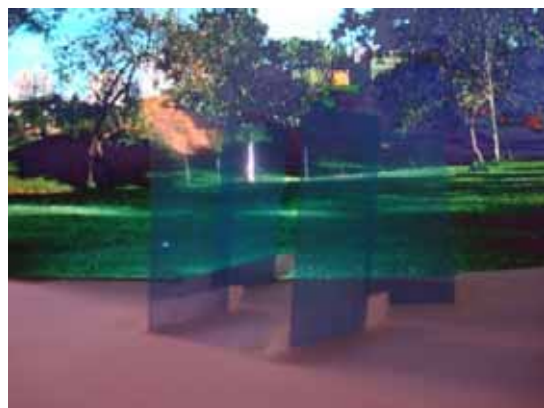
Processos. Fonte : Autora



Processos. Fonte: Autora



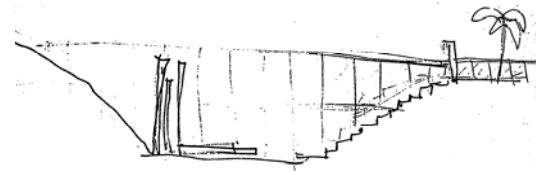
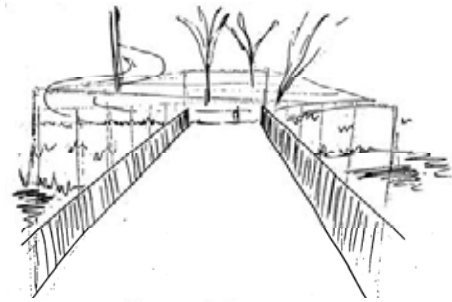
Processos. Fonte: Autora

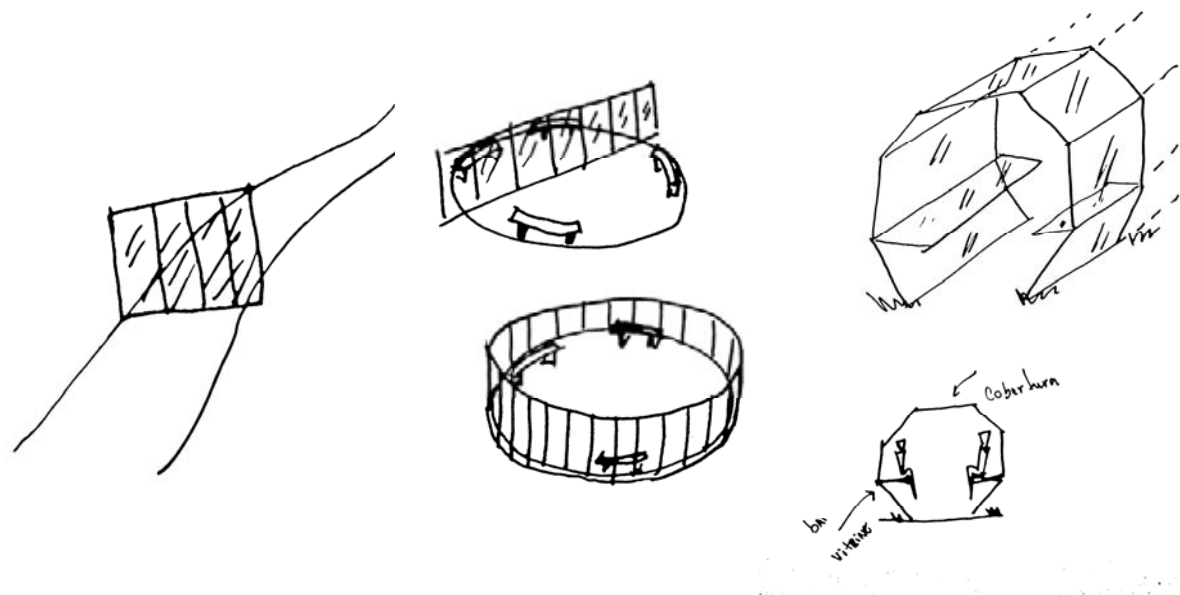


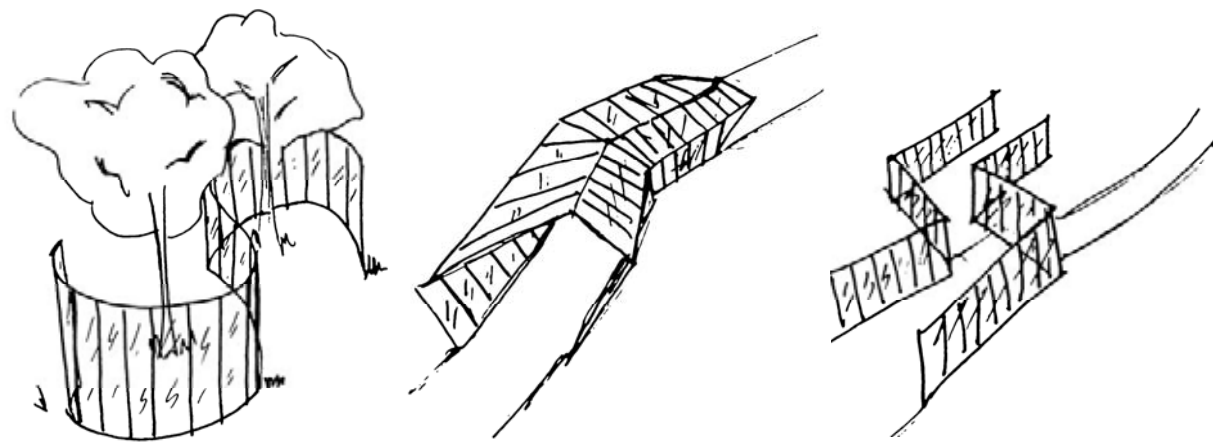
Processos. Fonte: Autora



Processos. Fonte: Autora

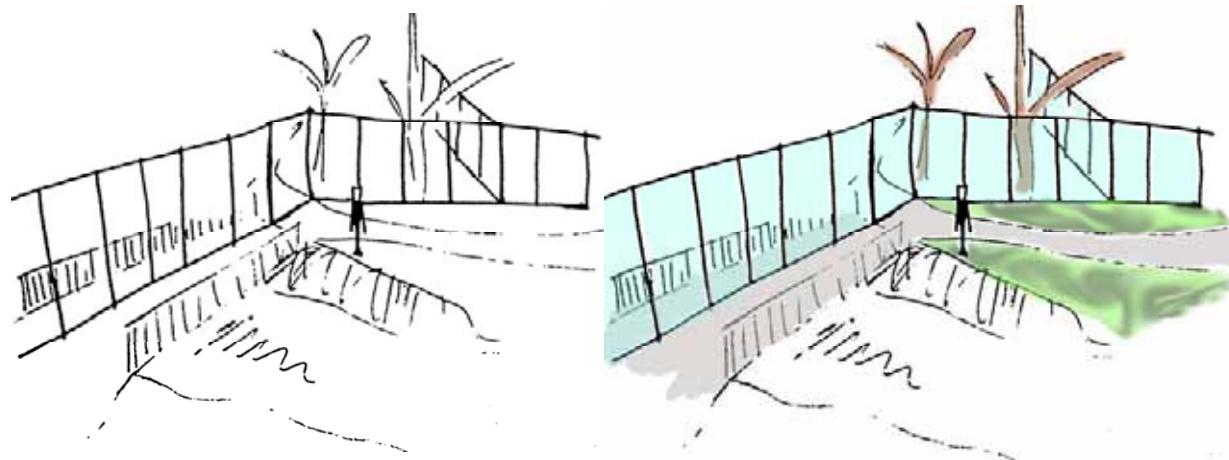






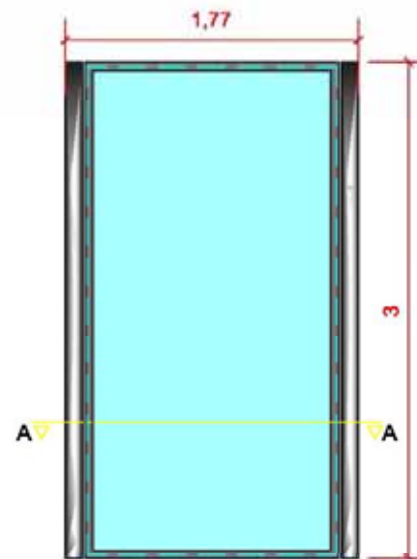


Processos. Fonte: Autora

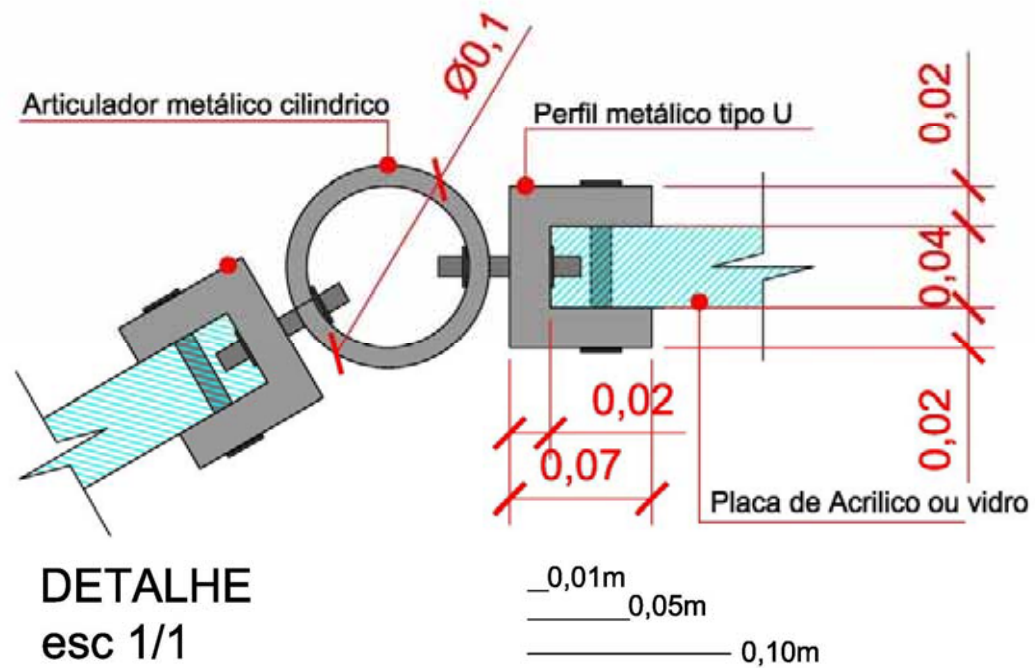




CORTE A
esc 1/25



ELEVAÇÃO
esc 1/25









CONSIDERAÇÕES.VIVÊNCIA.BAURU.ESPAÇOS PÚBLICOS.GOVERNO.POLÍTICA.

Durante o processo deste trabalho até o presente momento, a cidade de Bauru passa por uma fase de transição do governo da cidade, ou melhor, de política de governo com essa nova gestão que se elegeu no ano de 2008 para o início em 2009.

E o que se tem visto é o grande incentivo a cultura, a arte, e outras diversas atividades que estão acontecendo, principalmente, nos espaços públicos abertos da cidade. E como retorno a esse incentivo por parte do governo tem se visto pela cidade o aumento da população usando de fato os espaços abertos, como por exemplo, o Parque Vitória Régia.

O qual comprova que o papel da política do governo é fundamental para a volta ao uso dos espaços, não apenas fazendo a manutenção física dos espaços, mas com incentivos de atividades, cultura e lazer como gincanas, instalações, shows, feiras, que trazem de volta a população para vivenciar a cidade.

Portanto, intervenções na cidade como a proposta, junto com o apoio de órgãos públicos ou privados possuem um grande potencial de mexer com os cidadãos, trazendo de

volta a vontade de participar mais da cidade e usufruir dos espaços que estão aí para isso e não para serem apenas cartão postal.

Bauru, como muitas cidades em crescimento que estão em fase de transição, e que não são consideradas mais cidades pequenas, e nem cidades grandes, sofrem com esse esvaziamento dos espaços públicos, tendo como espaços de lazer mais freqüentados shoppings, cinemas e danceterias. Mas com uma boa política de lazer, cultura, segurança e infra-estrutura ou mesmos grupos privados intencionados a fazer a mudança, possuem grandes possibilidades de ações para que a cidade possua uma identidade própria de cidades médias, que ainda não sofrem com as grandes problemáticas da metrópole. E sejam cidades-modelos para se viver com qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GOITIA, Fernando Chueca. *Breve história do urbanismo*. Lisboa, Editorial Presença, 1982.

HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACQUES, Paola Berenstein, BRITTO, Fabiana Dultra. *Corpografias Urbanas: As Memórias das Cidades nos corpos*. X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Recife - Pernambuco – Brasil. 8 a 10 de outubro de 2008

LEFEBVRE, Henry. *Direito à cidade*. São Paulo. Centauro, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Primeira parte. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1999.

PALLAMIN, Vera M. - *Arte Urbana: São Paulo: Região Central (1945 – 1998) obras de caráter temporário e permanente*. Annablume: Fapesp, São Paulo, 2000.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Senac, 2004.

SECCHI, Bernard. *Primeira lição do Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra- O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2006

_____ *Declínio do Homem Público- As tiranias da intimidade*. São Paulo, Cia das letras, 1988.

Artigos e textos da internet

BROWN, Carol; *Dance-Architecture Workshop, Isadora and Raymond Duncan Centre for Dance*. 29/09- 05/10/2003 http://www.carolbrowndances.com/previous_news.html Acessado em _/2008

CALHEIROS, Mirtes. *Arquitetura do movimento*. www.ciaartesaosdocorpo.art.br

CALHEIROS, Mirtes. *Reflexões sobre o corpo e a cidade*. www.ciaartesaosdocorpo.art.br

DANÇA EM TRANSITO

[http://www.soft.com.br/CafeCultural.nsf/paginas/CafeCultural&CICIT&Danca em Transito](http://www.soft.com.br/CafeCultural.nsf/paginas/CafeCultural&CICIT&Danca_em_Transito)

Acessado em abril de 2008.

DELGADO, Manuel. *Espaços na dança* ·Acessado em: 26/06/2008 <http://idanca.net/lang/pt-br/2008/06/26/espacos-na-danca/>

FERNANDES, Verônica - [Performance: linguagem de vida e arte](http://ensaioscriticos.blogspot.com/2008/07/performance-linguagem-de-vida-e-arte.html)

<http://ensaioscriticos.blogspot.com/2008/07/performance-linguagem-de-vida-e-arte.html>

Acessado em novembro de 2008.

HANNA, Judith Lynne – *A linguagem da dança*.

<http://www.rio.rj.gov.br/centrocoreograficodorio/ensaios002.html> Acessado em abril de 2008.

JACQUES, Paola Berentein. http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg093/arg093_02.asp

KATZ, Helena; GREINER Christine. *O meio é a mensagem: porque o corpo é objeto da comunicação*. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_93.PDF Acessado em Setembro, 2008.

Krohn, Andrea. Saindo pela cidade. www.ciaartesaosdocorpo.art.br

LEMONS; Anna Paula. *O Apolíneo e o Dionisíaco na Dança Contemporânea. Quando as forças da natureza se encontram em Isadora Duncan*. – Mestranda em Literatura Comparada – UFRJ. <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa8/al-annapaulalemons.html> Acessado em novembro de 2008.

Por que na rua? Bate papo com os grupos que participaram do IIº Visões Urbanas, representantes do Movimento Teatro de Rua e da Cooperativa Paulista de Teatro. www.ciaartesaosdocorpo.art.br

REIS, Ricardo. O papel educativo da Arte Pública http://www.rede-educacao-artistica.org/docs/m_red/Ricardo%20Reis_O%20papel%20educativo%20da%20Arte%20Publica.pdf Acessado em 29 de setembro de 2009

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARANTES, Otilia B. Fiori. *Urbanismo em Fim de Linha e Outros Estudos sobre o Colapso da Modernização Arquitetônica*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CANEVACCI, Massimo. *Cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CARRETEIRO, Tereza Cristina. *Corpo e contemporaneidade*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62 – 76, jun. 2005.

CAVALHEIRO, Marília de Oliveira. Eu nem sei por que o homem foi para a lua. Trabalho final de graduação, UNESP Bauru, 2008.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo. Guy Debord (1931-1994)*

GUERINI Filho, Régis. Kozmatron. Trabalho final de graduação, UNESP Bauru, 2008.

LE GOFF, Jacques. Por Amor às cidades. Conversações com Jean Lebrum. Tradução Reginaldo Carmello Correa de Moraes- São Paulo. Fundação Editora da UNESP. 1988

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

PECHMAN, Robert M. – *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

RYBCZYNSKI, Witold. *Vida nas cidades*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SITES CONSULTADOS

Artesãos do corpo www.ciaartesaosdocorpo.art.br

Cidades que dançam. www.cqd.com

Corpocidade. http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/04_01_editorial.htm

Dança em Transito

http://www.soft.com.br/CafeCultural.nsf/paginas/CafeCultural&CICIT&Danca_em_Transito

Idança. www.idanca.net

Rio cena contemporânea <http://www.riocenacontemporanea.com.br/2008/index.htm>

Vitruvius. www.vitruvius.com.br

“Uma cidade é construída por diferentes tipos e homens; pessoas iguais não podem fazê-la existir.”

Aristóteles

FIM.ACABOU.ZÉFINI.TERMINADO.ACABADO.ARREMATADO.FINAL.GAMEOVER.CHEGA